



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Maria Fernanda Costa Pereira

**Perspectivas psicossociais sobre o Twitter: metassíntese qualitativa e estratégias
discursivas no ativismo digital**

**Uberlândia
2024**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Maria Fernanda Costa Pereira

Perspectivas psicossociais sobre o Twitter: metassíntese qualitativa e estratégias discursivas no ativismo digital

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia – PPGPSI, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada na linha de pesquisa: Processos Psicossociais em Saúde e Educação.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Emerson Fernando Rasera

**Uberlândia
2024**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

P436 2024	Pereira, Maria Fernanda Costa, 1997- Perspectivas psicossociais sobre o Twitter: metassíntese qualitativa e estratégias discursivas no ativismo digital [recurso eletrônico] / Maria Fernanda Costa Pereira. - 2024. Orientador: Emerson Fernando Rasera. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.536 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações. 1. Psicologia. I. Rasera, Emerson Fernando, 1972-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Psicologia. III. Título. CDU: 159.9
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

Agradecimentos

Com quantas mãos se borda uma pesquisa? Talvez eu não tenha o número exato, mas ao longo de dois anos de pós-graduação, consigo lembrar de nomes que, nos momentos que briguei com a linha e com a agulha, me ajudaram a calmamente desfazer os nós e continuar bordando.

Aos meus pais, Cida e Haroldo, por me inspirar a ter coragem. A minha irmã, Larissa, pelo incentivo constante. Tudo que eu realizo, tem um bocadinho de vocês.

Ao Bruno, meu companheiro de vida, por segurar minhas mãos (e cuidar de mim) quando bordar era cansativo e doloroso.

A minha amiga Dayane, por reparar no meu modo de bordar, analisar os pontos que traço e incentivar para que eu continue bordando. As minhas amigas Débora, Ana, Ludi e Ray pelo companheirismo e torcida.

Ao Prof. Dr. Emerson Rases, meu orientador: agradeço por compartilhar suas reflexões e questionamentos, e por todas as orientações e conversas que tivemos ao longo desses dois anos. Algumas perguntas ainda guardo comigo sem respostas, mas elas me guiam a uma reflexão para além da pesquisa.

Aos companheiros de grupo de estudos que me auxiliaram a construir esse trabalho.

Às professoras Dra. Larissa Abrão e Dra. Mariana Prioli, que fizeram parte da banca de qualificação e sugeriram, com tanto carinho e cuidado, novos direcionamentos para a pesquisa.

Ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (IPUFU), pela oportunidade concedida para a realização do mestrado em Processos Psicossociais da Saúde e Educação.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) pela concessão de bolsa que permitiu a dedicação a esta pesquisa.

A àquele que eu entendo como Deus.

Sumário

Parte I	6
Prólogo.....	6
Parte II	9
Estudos psicossociais do Twitter: uma metassíntese qualitativa.....	9
Introdução	11
Método	13
Resultados e Discussão	17
A) Caracterização Geral das Publicações.....	17
B) Metodologias e Resultados dos Estudos	21
Comunicação Política e Ativismo Digital.....	26
Polarização e Violência comunicacional	26
Formação de Comunidades de Apoio	27
Construção e Representação de Identidades	29
Considerações Finais	33
Referências.....	35
Parte III.....	42
Estratégias discursivas em resposta ao ativismo digital de Erika Hilton em relação à união homoafetiva	42
Introdução	44
Erika Hilton e a União Homoafetiva.....	44
Método	45
Resultados	46
A Idealização de Erika	51
A Resistência ao Projeto de Lei	53
A Recusa da União Homoafetiva e a Rejeição à Comunidade LGBTQIA+	56
A Desqualificação Preconceituosa de Erika.....	59
Discussão	62
Considerações Finais	65
Referências.....	67
Parte IV	70
Considerações Finais	70

Perspectivas psicossociais sobre o Twitter: metassíntese qualitativa e estratégias discursivas no ativismo digital

Resumo

O Twitter tem um papel significativo na sociedade contemporânea, servindo como espaço de interação, diálogo e conflito. Além disso, destaca-se o papel político desta rede, que se consolidou como um espaço para debates e promoção política. Esta investigação sobre o Twitter visa ampliar o olhar sobre essa rede social e os processos presentes nela através de dois estudos distintos: uma metassíntese qualitativa dos estudos psicossociais do Twitter (X); e um estudo empírico sobre as estratégias discursivas utilizadas por usuários do Twitter em resposta ao ativismo digital de Erika Hilton em relação à união homoafetiva em 2023. O primeiro estudo revela que o Twitter desempenha um papel como espaço comunicativo, permitindo práticas políticas, debates polarizados, apoio emocional e construção de identidades individuais e coletivas. O segundo identifica quatro estratégias discursivas em resposta ao ativismo digital de Erika Hilton: a) A idealização de Erika; b) A resistência ao projeto de lei; c) A recusa da união homoafetiva e a rejeição à comunidade LGBTQIA+; d) A desqualificação preconceituosa de Erika. O estudo ilustra o impacto político da mobilização de Erika Hilton no Twitter e revela o campo de disputas discursivas em torno da união homoafetiva.

Palavras-chave: Twitter; Política; Discurso; Rede social; Pesquisa qualitativa.

Parte I

Prólogo

O que me levou até a minha pesquisa atual? O que me levou até o mestrado? Começo com indagações que não sei responder objetivamente e que talvez, ao final, ainda não saiba. Mas pode ser que ajudem a pensar sobre as diferentes pessoas que fui ao longo desses vinte e seis anos.

Nasci em uma cidade, ao norte de Minas Gerais, chamada São Francisco. Mas o lugar que cresci e que tenho marcado na minha história fica há mais de mil km de lá. Meus pais, iniciando a vida adulta e com duas crianças pequenas para cuidar, viram na mudança de cidade uma oportunidade de “melhorar de vida”. E assim, me mudei para Cuiabá, no Mato Grosso, com dois anos de idade.

Lembro de crescer sendo apaixonada por ouvir histórias, de estar no meio familiar e ouvir os diferentes causos com fascinação. Na época de escola, ser uma criança tímida e quieta, não foram características que me ajudaram e foi na biblioteca, rodeada de livros, que descobri um refúgio e uma abertura para os diferentes mundos possíveis. Pensava que faria Jornalismo. Descobri, aos 12 anos, uma rede social com a proposta de ser um blog: o Twitter, onde eu poderia escrever e acompanhar as escritas alheias. Ao criar minha conta, passei a utilizá-lo como um diário, escrevia principalmente sobre minhas paixões por livros, séries, filmes, bandas e divas da música pop. Ainda que escrevesse e contasse de individualidades minhas, o papel de narradora não era o meu favorito, mas sim o de espectadora. E foi então que a Psicologia apareceu.

Em 2013, minha família e eu nos mudamos para Uberlândia e, no ano seguinte, consegui entrar no tão sonhado curso de Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia. Durante sete semestres, a única sensação que me acompanhava era a de não-pertencimento. Não me via no curso e nem mesmo nas possibilidades de carreira, me sentia sufocada pelas regras, tentando

vestir algo que não me cabia. Corria de possibilidades de iniciação científica e ia em direção aos projetos de extensão. Realizei, por dois anos, projetos voltados para a formação de professores e a educação de jovens e adultos na Faculdade de Educação (FACED). Neste momento, estar na universidade fazia sentido, mas a minha graduação não.

Somente no oitavo período, quando fui voluntária na equipe de psicologia de um cursinho popular que toda a minha relação com o curso mudou. Era o primeiro projeto que eu entrava que era específico da psicologia. Tinha a ideia de ficar apenas seis meses, fiquei três anos. Nesse lugar, encontrei uma possibilidade de psicologia diferente: relacional e com abertura para o contato. Se antes a psicologia parecia repetir que eu não pertencia a ela, naquele momento, ela me abraçou.

Me formei e iniciei minha prática clínica, mas parecia que algo essencial estava faltando. Em busca dessa lacuna, comecei a atuar como psicóloga social em uma unidade socioeducativa de internação. Entrava em contato com diversas histórias e buscava constantemente aprimorar minha prática, explorando diferentes conteúdos para enriquecer minha intervenção com os adolescentes. Buscava incessantemente me aperfeiçoar.

Foi nesse contexto que o processo seletivo do mestrado apareceu. Eu o via como uma chance de adquirir mais conhecimento de maneira mais acessível do que uma especialização. Mas era um retorno a um espaço que eu sentia que havia me negado, que não me cabia e não me pertencia. Naquele instante, a vontade de algo novo e diferente ainda que velho e conhecido foi predominante. Elaborei um projeto fundamentado nos preceitos da Terapia Narrativa para o trabalho com adolescentes institucionalizados e fui aprovada.

No primeiro encontro com meu orientador, a pesquisa se reinventou. Não consigo precisar exatamente como, mas sei que tivemos como condutora perguntas reflexivas feitas por ele que nos levou ao Twitter. Exploramos as diversas possibilidades e temas relacionados a essa plataforma. Retrocedemos alguns passos, questionando como a psicologia social tem explorado

esse contexto por meio de pesquisas qualitativas. A partir desse ponto, começamos a criar e desenvolver nosso trabalho.

Para o segundo artigo, inicialmente, pensamos em explorar a resposta a dois modos de ativismo digital na rede: o de Erika Hilton e o de Duda Salabert, ambas deputadas federais trans. Tínhamos por intenção comparar tais modos de atuação no Twitter, no entanto, percebemos o quanto o conteúdo era extenso ao analisá-las conjuntamente. Dessa forma, por já acompanharmos o trabalho de Erika, optamos por analisar apenas a resposta ao seu ativismo.

Dos meus 12 anos até hoje, percebo uma série de mudanças, pessoas se aproximaram e outras se afastaram, me encontrei e me perdi em certos lugares, mas em todos os caminhos trilhados, o Twitter estava presente. Às vezes, como um diário, outras, como um jornal e, muitas vezes, como uma crônica da vida. Escrever esse trabalho é talvez, também, uma forma de contar de uma comunidade que cresceu comigo e que, assim como eu, também mudou.

A dissertação será composta por dois artigos: no primeiro, serão explorados os estudos psicossociais qualitativos realizados no contexto do Twitter; o segundo artigo, consistiu na caracterização das estratégias discursivas utilizadas por usuários em resposta ao ativismo digital de Erika Hilton em relação à união homoafetiva em 2023.

Parte II

Estudos psicossociais do Twitter: uma metassíntese qualitativa

Resumo

O Twitter, como mídia social de amplo alcance, tem um papel significativo na sociedade contemporânea, servindo como espaço de interação, diálogo e conflito. O objetivo desse estudo foi compreender como o Twitter é investigado, qualitativamente, pelos estudos psicossociais. Assim realizou-se uma metassíntese qualitativa de pesquisas realizadas no Twitter, no período de 2013 a 2022. Analisou-se 37 artigos recuperados das bases de dados Scielo, Pepsic e PsycInfo. A análise temática realizada resultou em quatro categorias distintas: a) Comunicação Política e Ativismo Digital; b) Polarização e Violência Comunicacional; c) Formação de Comunidades de Apoio e d) Construção e Representação de Identidades. Devido à diversidade de usuários, culturas e linguagens, o Twitter abriga múltiplas perspectivas, caracterizando-se pela ambivalência.

Palavras-chaves: Twitter; Microblog; Rede social; Pesquisa qualitativa.

Abstract

Twitter, as a broad-reaching social media, plays a significant role in contemporary society, serving as a space for interaction, dialogue, and conflict. The aim of this study was to understand how Twitter is investigated, qualitatively, by psychosocial studies. Thus, a qualitative meta-synthesis of research conducted on Twitter, from 2013 to 2022, was carried out. Thirty-seven articles retrieved from the Scielo, Pepsic, and PsycInfo databases were analyzed. The thematic analysis carried out resulted in four distinct categories: a) Political Communication and Digital Activism; b) Polarization and Communicational Violence; c) Formation of Support

Communities; and d) Construction and Representation of Identities. Due to the diversity of users, cultures, and languages, Twitter houses multiple perspectives, characterized by ambivalence.

Keywords: Twitter; Microblog; Social network; Qualitative research; X.

Introdução

As mídias sociais ocupam um papel expressivo na contemporaneidade, sendo que a facilidade do acesso e os diversos recursos existentes nas redes sociais popularizaram o seu uso. Para além das possibilidades de interações, as mídias sociais promovem um espaço que viabiliza o reconhecimento e pertencimento (Lima et al., 2016). Dentre as diversas redes sociais com diferentes funcionalidades, o Twitter se destaca. Tendo início em 2006, surge com a proposta de que as pessoas pudessem relatar, em poucos caracteres (140 caracteres e posteriormente 280 por postagens/tweets), o que estavam fazendo naquele momento. Desde a sua criação, a plataforma passou por diferentes reformulações, sendo a mais recente e mais drástica, a mudança de nome para ‘X’ e a substituição do ‘passarinho-azul’ por um X branco sobre um fundo preto, além da não-limitação de caracteres por postagens (A nova mudança radical de Elon Musk no Twitter, 2023). Contudo, por decisão dos autores, este artigo se referirá à rede social da maneira como foi inicialmente concebida e é mais amplamente reconhecida, ou seja, como ‘Twitter’.

O Twitter é baseado no princípio de ‘seguir’, por meio do qual os usuários podem acompanhar as atualizações de outros na linha do tempo ‘Seguindo’. Essas conexões, a partir do cálculo do algoritmo da rede social, podem aproximar afinidades e exibir tweets relacionados na linha do tempo ‘Para você’. As hashtags (#) conectam tweets e tópicos e, por não serem moderadas, permitem uma ampla variedade de discussões. Assim, o Twitter se configura em um espaço de comunicação que é simultaneamente estável, devido às conexões entre seguidores e seguidos, e dinâmico, graças aos tópicos populares nas hashtags. A comunicação no Twitter ocorre em conversas distribuídas em rede, onde os tweets individuais são as unidades básicas e servem como “microconteúdo” ou “microhistórias”. Para além disso, há normas e expectativas compartilhadas sobre como usá-lo, incluindo as compreensões comuns sobre quais tópicos são apropriados ou não para a comunicação, sobre a apresentação, estilo ou tom dos tweets e sobre o papel do Twitter dentro de um ecossistema midiático mais amplo. Essas normas implícitas

desempenham um papel fundamental na construção da cultura do Twitter e na definição de quem está incluído ou excluído da comunidade e das subculturas específicas dentro da plataforma (Weller, 2013).

O Twitter atrai pessoas para debates e discussões de inúmeros temas, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, configurando-se como um espaço relacional, de contato, diálogos e conflitos (Vidal & Souza, 2022). De acordo com Arcoverde e Amazonas (2013), as relações experienciadas não são necessariamente determinadas pela presença de outrem, favorecendo a proliferação de fantasias e concepções a respeito dos outros usuários. Concomitante a esse movimento, há a tendência de redução da autocritica, proporcionando a abertura para as discussões a respeito de temas “tabus” ou delicados. Vidal e Souza (2022) sinalizam que o anonimato permitido pelo microblog cria uma sensação de liberdade de expressão em seus usuários, o que pode resultar na divulgação de conteúdos mais pessoais e íntimos. No entanto, apesar de abrir espaço para desabafos, a interação baseada na expressão sem restrições pode abrir caminho para a disseminação de discursos de ódio.

A ampla gama de possibilidades para interações, comunicações, diálogos e trocas, torna o Twitter um campo de pesquisa significativo, em especial na Psicologia (Arcoverde & Amazonas, 2013; Lima et al., 2016). Os discursos presentes na rede social podem ser entendidos como um recorte de um contexto social e cultural, configurando-se como um espaço de manutenção, disseminação e influência de valores e visões de mundo (Miguel et al., 2021; Lira, 2021). Destaca-se também o papel político desta rede, que se consolidou como um espaço para debates e promoção política. Uma parte considerável de seus usuários utiliza a plataforma para buscar informações políticas, devido à possibilidade de acompanhar eventos em tempo real e obter informações diretamente da fonte. Essa preferência faz do Twitter uma escolha popular para o acompanhamento de notícias políticas. Além disso, a proximidade com os temas e pautas de cada candidato pode influenciar as decisões de voto (Saraiva & Bertol, 2022).

Essa configuração permite que o Twitter seja utilizado como objeto de estudo em diversos domínios da Psicologia, especialmente na área social, tanto por meio de abordagens quantitativas quanto qualitativas. Em uma rápida pesquisa em bases de dados significativas, como PsycInfo, utilizando a palavra-chave ‘Twitter’, sem definição do período de busca ou tipo de documento, encontra-se o total de 2.346 publicações, sendo que destas 1.632 eram estudos de natureza quantitativa, enquanto 502 eram qualitativas. É evidente que apesar da existência de um conjunto de estudos qualitativos realizados no Twitter, existe uma notável disparidade em comparação com os estudos quantitativos. Diante disso, este estudo direcionará o seu foco para a investigação dos artigos com abordagens qualitativas. Além disso, nessa mesma busca, não foram localizadas revisões de literatura que se dediquem exclusivamente às pesquisas qualitativas no Twitter que enfatizam os processos psicossociais na rede social.

Considerando a relevância do tema e a lacuna existente na área científica, o objetivo deste estudo consistiu em compreender como o Twitter é investigado nos estudos psicossociais, de base qualitativa, na literatura nacional e internacional.

Método

Trata-se de uma metassíntese qualitativa da literatura que se apresenta como um estudo que visa identificar, analisar e sintetizar os resultados de diferentes estudos qualitativos realizados sobre o mesmo assunto podendo, assim, contribuir de forma significativa para a construção e ampliação de novos conhecimentos. Inspirado em Cavalcante e Oliveira (2020), ela envolveu as etapas de Definição do objeto, Definição das fontes de busca, Definição dos tipos de documentos, Definição da composição da amostra, a qual abarcou a Exploração, o Refinamento e o Cruzamento dos documentos. A apresentação dos resultados da metassíntese consistiu em uma etapa inicial de Descrição dos estudos e posteriormente de Análise dos estudos.

Para realizar o levantamento da literatura, foram consultadas as bases de dados e portais de periódicos como o Scielo, Pepsic e PsycInfo, devido à qualidade e excelência dos periódicos por elas indexados, além de abrangerem uma ampla gama de produções, tanto nacionais quanto internacionais. As buscas foram conduzidas no mês de março de 2023. A busca focalizou o período de 2013 a 2022, que corresponde à época de popularização e maior impacto social do Twitter (Iqbal, 2023; Tankovska, 2019).

Foi utilizada a expressão “Twitter” em conjunto com o filtro de Áreas Temáticas “Psicologia” na busca realizada no portal do Scielo. Já no portal do Pepsic, optou-se apenas pela expressão “Twitter”, considerando tratar-se de um portal eletrônico especializado em Psicologia. Na base de dados PsycInfo, foi conduzida uma busca utilizando a expressão “Twitter”, em conjunto aos filtros ‘methodology: qualitative study’ e ‘publication type: journal’. Visando direcionar a pesquisa para essa área de processos psicossociais selecionou-se um conjunto de filtros fornecidos pela PsycInfo Classification, quais sejam: ‘Social Psychology’, ‘Social Processes & Social Issues’ e ‘Communication Systems’. Outros filtros de classificação como Propaganda e Marketing; Currículo, Programa e Métodos de Ensino; Comunicação de Massa; Esportes e Exercício; Desordens do comportamento e comportamento antissocial, entre outros, não foram incluídas nesse estudo.

Destaca-se que este estudo parte da compreensão de que as bases de dados se constituem enquanto processos discursivos. Ou seja, a forma como as informações são organizadas e classificadas nas bases de dados não é neutra, mas carregada de significados e influências do momento histórico em que foram criadas. Assim, o levantamento bibliográfico não é considerado como uma representação única ou definitiva de um tema, mas uma entre várias versões possíveis (Spink, 2013). Nesse sentido, ressalta-se ainda que o termo “psicossocial” utilizado neste estudo foi operacionalizado por meio das áreas de seleção e filtragem fornecidas

pelas bases de dados, sendo uma dentre várias formas de refletir sobre o tema frente à sua complexidade e amplitude.

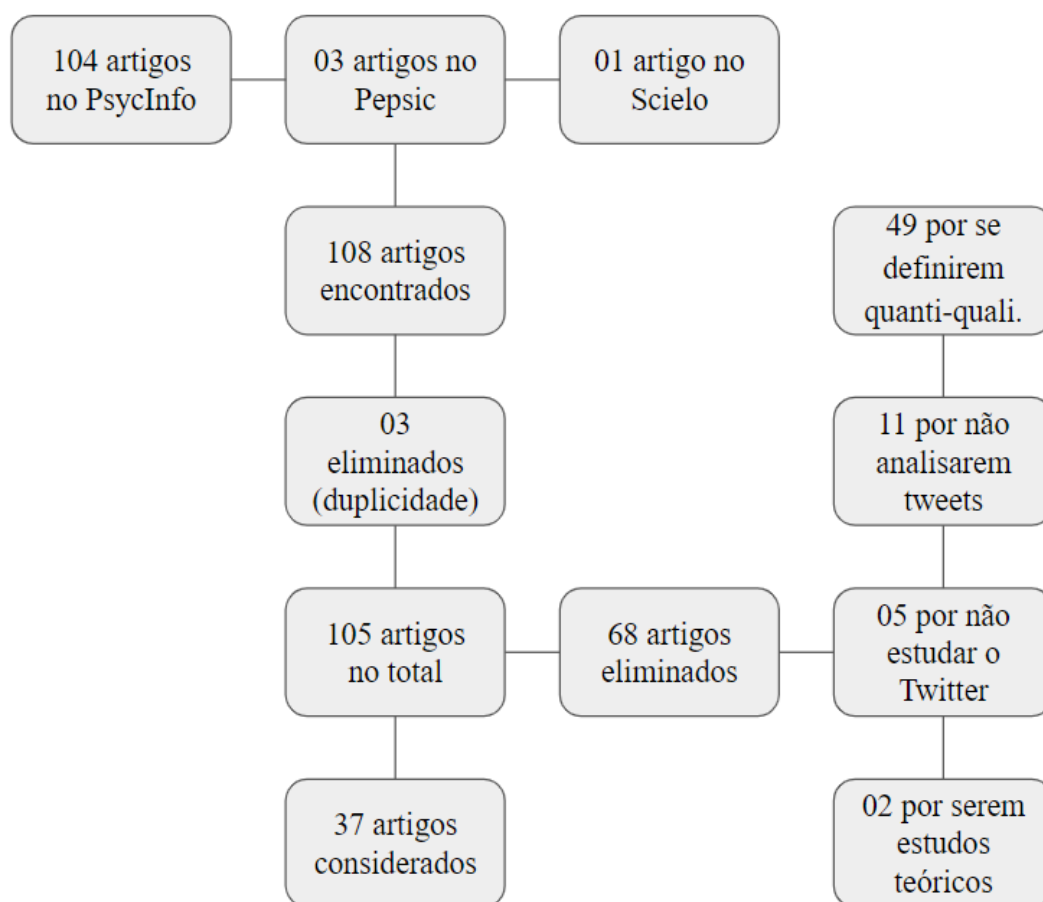
Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão para a seleção das publicações: (1) artigos científicos; (2) estudos empíricos que se autodefiniram como qualitativos; (3) publicações abrangendo o período dos últimos dez anos (2013-2022); e (4) publicações nos idiomas: inglês, português e espanhol. Não foram considerados: (1) estudos se autodefiniram como utilizando uma abordagem metodológica mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos; (2) publicações que não tinham como objetivo o estudo do Twitter e/ou que não analisaram tweets.

Com base nos critérios de seleção, foi realizada a avaliação dos títulos e resumos dos estudos identificados. Aqueles que não atenderam aos critérios foram desconsiderados, enquanto os estudos potencialmente relevantes foram selecionados. Em seguida, os artigos selecionados foram acessados e lidos integralmente, permitindo uma avaliação aprofundada para determinar o material que compõe o corpus da pesquisa.

A busca inicial resultou na recuperação de 108 publicações. Dentre eles, foram identificados 1 artigo no Scielo, 3 artigos no Pepsic, e 104 na PsycInfo. Após a remoção de duplicidades, restaram 105 títulos para análise. Dos 105 títulos inicialmente recuperados, 68 foram excluídos com base nos critérios específicos de inclusão e exclusão estabelecidos. Desses, 49 foram excluídos por realizarem estudos mistos, 11 por não analisarem tweets, 06 não abordaram o Twitter como objeto de estudo e 02 por serem estudos teóricos. Após a aplicação desses critérios, o corpus final foi composto por 37 publicações.

Figura 1:

Fluxograma da composição do corpus de pesquisa



Após a seleção das referências, os artigos foram analisados em duas fases: A) caracterização geral das publicações, quando se investigou: (1) Ano de publicação, (2) Fonte de publicação, (3) Autores dos estudos, (4) Instituição/origem dos autores, e (5) Área de conhecimento dos autores e das revistas; e B) Metodologias e Resultados dos estudos, quando se investigou: (6) as Metodologias de coleta de dados, (7) as Metodologias de análise de dados, e (8) os Principais resultados.

Em relação à caracterização geral das publicações, optou-se pela utilização de tabelas e pela caracterização numérica como um recurso de visualização e não como instrumentos de análise quantitativa. As tabelas foram empregadas para proporcionar uma melhor visibilidade dessas características ao leitor, sem a intenção de realizar uma análise estatística.

Para caracterizar a área de conhecimento dos autores e das revistas publicadas, foi realizada a leitura do currículo de cada autor, utilizando a área de conhecimento indicada por cada um. Quanto às revistas, foram analisadas as descrições fornecidas pelas próprias revistas, seguida de uma categorização que melhor descreve os temas abordados por cada uma delas.

Destaque-se que os resultados foram submetidos a uma análise mais detalhada adotando a abordagem da análise temática. Segundo Braun e Clarke (2006), a análise temática se caracteriza pela exploração de um conjunto de dados visando identificar padrões de significado recorrentes. A análise envolve um processo de familiarização com os dados por meio da leitura e releitura, a geração de códigos de forma sistemática a partir das características identificadas, a busca por temas através códigos gerados, a revisão de temas para garantir a adequação e exclusividade e a definição e nomeação de temas para refinar os detalhes e clarificar as definições. Por fim, a produção do relatório inclui uma análise final relacionada à pergunta de pesquisa, a literatura e os temas gerados, resultando em um relatório de análise.

Resultados e Discussão

A) Caracterização Geral das Publicações

Quanto à dimensão ‘ano de publicação’, de 2013 a 2022, foram encontrados: 01 em 2013, 02 em 2014, 03 em 2015, 02 em 2016, 05 em 2017, 09 em 2018, 03 em 2019, 01 em 2020, 06 em 2021 e 05 em 2022. Como pode ser observado na Tabela 01, 2018 registrou o maior número de publicações, totalizando 9. Nota-se que, embora haja uma contínua publicação ao longo do período, a quantidade de artigos varia significativamente de ano para ano. Essa variação sugere um interesse constante no Twitter como objeto de estudo, mas ele não é uniforme ou consistente.

Em relação à dimensão ‘fonte de publicação’, foram identificadas 26 revistas científicas distintas nas quais os artigos selecionados foram publicados. As revistas, conforme apontado na Tabela 01, podem ser agrupadas segundo as seguintes áreas de estudos: 09 na área de

Comunicação e Linguagem (Sundstrom et al., 2013; Dayter, 2014; Hon, 2015; Engesser et al., 2017; Stevens & Maurantonio, 2018; Vladimirov & House, 2018; Parvaresh, 2022; Gillen, 2018; Cranmer & Sanderson, 2018; Evolvi, 2019; Bouvier & Machin, 2021; Lawson, 2018; Recuber, 2021; Roig & Martorell, 2021; Truan, 2022; Wheatley & Vatnoey, 2022), 04 na área de Saúde (Atkinson et al., 2017; Dyson & Gorvin, 2017; Salzmman-Erikson, 2017; Francis, 2021), 02 na área de Estudos de Mídia (Eriksson, 2018; Gleason, 2018; Ross & Bhatia, 2019), 02 na área de Gênero (Bogen et. al, 2018; Bogen et., 2021), 02 na área de Estudos do Esporte (Schmittel & Sanderson, 2015; Sanderson & Gramlich, 2016; Szto, 2016), 02 na área de Estudos de Violência e Conflito (Chaitin et al., 2017; Hughes et al., 2022; Margolin, 2022), 02 na área de Estudos do Consumidor (Weij et al., 2015; Perez-Cepeda & Arias-Bolzmann, 2021), 02 na área de Estudos de Psicologia e Tecnologia (Selim et al., 2014; Jenkins et. al, 2019; Aurrekoetxea-Casaus, 2020), 01 na área de Estudos de Ciências Sociais e Étnicos (Moody-Ramirez & Cole, 2018). Observa-se que os estudos estão presentes em revistas de diferentes especialidades do conhecimento. No entanto, há a prevalência de publicações em revistas da área da comunicação e linguagem, havendo uma oportunidade para a expansão da publicação em periódicos especializados de outras áreas, como a própria Psicologia.

No que diz respeito às dimensões de ‘autores’ e ‘instituição’, observa-se uma ampla diversidade de autores e instituições envolvidas. Em relação aos autores, foi constatado um total de 70 autores distintos, incluindo autores principais e colaboradores. É interessante notar que Sanderson participa de três estudos distintos (Cranmer & Sanderson, 2018; Sanderson & Gramlich, 2016; Schmittel & Sanderson, 2015) enquanto Orchowski (Bogen, Williams, Reidy & Orchowski, 2021; Bogen, Williams, Reidy & Orchowski, 2018) e Bogen (Bogen, Williams, Reidy & Orchowski, 2021; Bogen, Williams, Reidy & Orchowski, 2018) participaram de dois estudos cada sobre o tema. É importante ressaltar que os outros 67 autores contribuíram apenas

com um estudo cada, indicando que esta é um campo que poucos pesquisadores exploram com recorrência.

Os estudos foram realizados por 51 instituições distintas, sendo 44 instituições norte-americanas e europeias. É interessante notar que a Clemson University aparece em três estudos (Cranmer & Sanderson, 2018; Sanderson & Gramlich, 2016; Schmittel & Sanderson, 2015). As três universidades seguintes aparecem em dois estudos cada, sendo Baylor University (Jenkins et. al, 2019; Moody-Ramirez & Cole 2018), Brown University (Bogen et. al, 2018; Bogen et., 2021) e University of Florida (Hon, 2015; Schmittel & Sanderson, 2015). As demais instituições contribuíram com apenas uma pesquisa cada. Esses dados ilustram a influência predominante das instituições norte-americanas e europeias nessas publicações científicas.

Em relação a área de estudo dos autores, 11 áreas foram identificadas, sendo elas: Comunicação (25), Psicologia (11), Saúde (sendo Saúde Pública, Enfermagem, Medicina e Psiquiatria) (10), Linguística (7), Sociologia e Estudos Políticos (7), Esporte (3), Administração (2), Serviço Social (2), Relações Públicas (2) e Religião (1). A pluralidade de áreas de conhecimento dos autores indica a multiplicidade de tópicos que podem ser investigados no Twitter. Embora cada uma delas tenha suas próprias características e focos específicos, elas compartilham a exploração e análise das interações, comportamentos, instituições e fenômenos coletivos.

Tabela 1

Ano de publicação; Área de estudo das revistas; Autores; Instituições e Áreas de estudos dos autores.

Ano	n.	Área de estudos das revistas	n.
2013	1	Comunicação e Linguagem	9
2014	2	Saúde	4
2015	3	Estudos de Mídia	2

2016	2	Gênero	2
2017	5	Estudos do Esporte	2
2018	9	Estudos de Violência e Conflito	2
2019	3	Estudos do Consumidor	2
2020	1	Estudos de Psicologia e Tecnologia	2
2021	6	Estudos de Ciências Sociais e Étnicos	1
2022	5		

Autores	n.	Instituições	n.	Área de estudo dos autores	n.
		Clemson	3		
Sanderson	3	University		Comunicação	25
Orchowski	2	Baylor University	2	Psicologia	11
Bogen	2	Brown University	2	Saúde	10
		University of	2		
Outros	67	Florida		Linguística	7
				Sociologia e Estudos	
		Outros	47	Políticos	7
				Esporte	3
				Administração	2
				Serviço Social	2
				Relações Públicas	2
				Religião	1

B) Metodologias e Resultados dos Estudos

Em relação à abordagem empregada na coleta de dados, os pesquisadores adotaram duas estratégias distintas para compor o corpus de seus estudos. A primeira dessas estratégias, utilizada por 17 estudos (Sundstrom et al., 2013; Weij et al., 2015; Sanderson & Gramlich, 2016; Atkinson et al., 2017; Bogen et. al, 2018; Cranmer & Sanderson, 2018; Eriksson, 2018; Jenkins et. al, 2019; Aurrekoetxea-Casaus, 2020; Bogen et., 2021; Roig & Martorell, 2021; Perez-Cepeda & Arias-Bolzmann, 2021; Francis, 2021; Parvaresh, 2022; Margolin, 2022; Hughes et al., 2022; Wheatley & Vatnoey, 2022), envolveu o uso de ferramentas automatizadas, ou seja, softwares de coleta. Dentre essas ferramentas, destacou-se a amplamente empregada API (Interface de Programação de Aplicativos) do Twitter, assim como os softwares Radin6 e R Studio. A segunda abordagem, utilizada por 15 estudos (Dayter, 2014; Schmittel & Sanderson, 2015; Szto, 2016 Engesser et al., 2017; Dyson & Gorvin, 2017; Salzmann-Erikson, 2017; Moody-Ramirez & Cole, 2018; Lawson, 2018; Stevens & Maurantonio, 2018; Vladimirou & House, 2018; Gillen, 2018; Gleason, 2018; Ross & Bhatia, 2019; Bouvier & Machin, 2021; Recuber, 2021), consistiu na coleta manual dos dados. Cabe destacar que cinco estudos (Selim et al., 2014; Hon, 2015 Chaitin et al., 2017; Evolvi, 2019; Truan, 2022) não forneceram detalhes sobre a metodologia de coleta empregada. A quantidade de tweets coletados e analisados variaram entre 21 e 525.897, sendo o mais proeminente a coleta e análise de 400 a 2000 tweets.

Para a localização dos tweets sujeitos à análise, os autores utilizaram de distintas abordagens viabilizadas pela plataforma: em 14 estudos (Cranmer & Sanderson, 2018; Eriksson, 2018; Stevens & Maurantonio, 2018; Bogen et. al, 2018; Evolvi, 2019; Ross & Bhatia, 2019; Jenkins et. al, 2019; Bouvier & Machin, 2021; Francis, 2021; Recuber, 2021; Roig & Martorell, 2021; Hughes et al., 2022; Margolin, 2022; Parvaresh, 2022), a pesquisa foi conduzida por meio de hashtags, com o uso de 01 a 06 hashtags distintas; em 10 estudos (Sundstrom et al., 2013; Dayter, 2014; Hon, 2015; Sanderson & Gramlich, 2016; Atkinson et

al., 2017; Engesser et al., 2017; Bogen et., 2021; Gillen, 2018; Gleason, 2018; Vladimirou & House, 2018) , a abordagem envolveu a investigação de contas específicas, variando de 01 a 125 perfis; em 08 estudos (Schmittel & Sanderson, 2015; Weij et al., 2015; Szto, 2016; Dyson & Gorvin, 2017; Salzmman-Erikson, 2017; Moody-Ramirez & Cole, 2018; Truan, 2022; Wheatley & Vatnoey, 2022), a busca baseada em palavras-chave foi utilizada, com 01 a 04 termos; dois estudos (Lawson, 2018; Perez-Cepeda & Arias-Bolzmann, 2021) combinaram estratégias, empregando busca por palavras-chave em um perfil específico, bem como por palavras-chave, hashtags e menções a um perfil; um estudo (Aurrekoetxea-Casaus, 2020) analisou um tweet e suas respostas, juntamente com tweets mencionados; e dois estudos (Selim et al., 2014; Chaitin et al., 2017) não forneceram detalhes acerca do método de busca empregado.

Em relação ao processo de análise, foram utilizados 11 métodos de análises distintos, sendo Análise Temática (12 estudos (Hon, 2015; Weij et al., 2015; Engesser et al., 2017; Lawson, 2018; Bogen et. al, 2018; Stevens & Maurantonio, 2018; Jenkins et. al, 2019; Aurrekoetxea-Casaus, 2020; Bogen et., 2021; Perez-Cepeda & Arias-Bolzmann, 2021; Recuber, 2021; Wheatley & Vatnoey, 2022)); Análise do Discurso (06 estudos (Dayter, 2014; Szto, 2016; Chaitin et al., 2017; Salzmman-Erikson, 2017) sendo 02 estudos voltados para análise do discurso digital (Ross & Bhatia, 2019; Francis, 2021)); Análise de Conteúdo (05 estudos (Sundstrom et al., 2013; Schmittel & Sanderson, 2015; Evolvi, 2019; Hughes et al., 2022; Parvaresh, 2022)); Análise Textual (02 estudos (Selim et al., 2014; Gleason, 2018)); Abordagem Transdisciplinar (01 estudo (Atkinson et al., 2017)); Análise Crítica (01 estudo (Sanderson & Gramlich, 2016)); Análise de reações sociais (01 estudo (Cranmer & Sanderson, 2018)); Análise de Sentimento (01 estudo (Truan, 2022)), Análise Qualitativa Iterativa (01 estudo (Moody-Ramirez & Cole, 2018)); Análise Sociocultural (01 estudo (Eriksson, 2018)). Destaca-se que cinco estudos ((Dyson & Gorvin, 2017; Vladimirou & House, 2018; Gillen,

2018; Roig & Martorell, 2021; Margolin, 2022) não forneceram informações sobre a metodologia de análise utilizada.

Sobre os procedimentos adotados para a análise, é importante destacar que 21 estudos (Sundstrom et al., 2013; Dayter, 2014; Schmittel & Sanderson, 2015; Szto, 2016; Sanderson & Gramlich, 2016; Atkinson et al., 2017; Salzmann-Erikson, 2017; Lawson, 2018; Gleason, 2018; Eriksson, 2018; Moody-Ramirez & Cole, 2018; Gillen, 2018; Bogen et. al, 2018; Jenkins et. al, 2019; Ross & Bhatia, 2019; Aurrekoetxea-Casaus, 2020; Francis, 2021; Bouvier & Machin, 2021; Roig & Martorell, 2021; Recuber, 2021; Margolin, 2022) desenvolveram suas categorias com base nos temas que emergiram dos dados, dentre estes 09 estudos (Sundstrom et al., 2013; Schmittel & Sanderson, 2015; Sanderson & Gramlich, 2016; Moody-Ramirez & Cole, 2018; Bogen et. al, 2018; Eriksson, 2018; Aurrekoetxea-Casaus, 2020; Francis, 2021) empregaram uma equipe de codificação visando garantir a ‘confiabilidade’ das categorias emergentes. Outros 10 estudos (Hon, 2015; Engesser et al., 2017; Chaitin et al., 2017; Cranmer & Sanderson, 2018; Evolvi, 2019; Bogen et., 2021; Perez-Cepeda & Arias-Bolzmann, 2021; Wheatley & Vatroey, 2022 Hughes et al., 2022; Truan, 2022) optaram por utilizar temas e categorias previamente selecionados, sendo que 01 estudo (Engesser et al., 2017) adotou uma abordagem mista, combinando temas predefinidos com a flexibilidade para identificar categorias emergentes nos dados. Vale ressaltar que, entre esses 10 estudos, 02 deles (Chaitin et al., 2017; Bogen et., 2021) utilizaram uma equipe de codificadores. Além disso, 02 estudos (Bogen et. al, 2018; Margolin, 2022) conduziram a análise utilizando software de codificação. Em 01 estudo (Dyson & Gorvin, 2017), embora não tenham sido fornecidos detalhes específicos sobre os procedimentos adotados para a análise, menciona-se a utilização de uma equipe de codificação. Destaca-se que cinco estudos (Selim et al., 2014; Weij et al., 2015; Stevens & Maurantonio, 2018; Vladimirov & House, 2018; Parvaresh, 2022) não forneceram detalhes sobre os procedimentos de análise. Dos 37 estudos selecionados, 22 deles

incorporaram elementos da análise quantitativa. A inclusão de categorias previamente definidas, a formação de equipes de codificação e até mesmo o emprego de software de codificação evidenciam uma inclinação crescente em direção a uma maior aproximação com métodos quantitativos.

Tabela 2.

Procedimentos de busca e de localização dos tweets; principais metodologias de análise e os respectivos tweets analisados.

Procedimento de Busca	n.	Estratégia de Localização dos Tweets	n.
Software de coleta	17	Hashtags	14
Busca Manual	15	Perfis de contas específicas	10
Não consta	5	Palavra-chave	8
		Combinação de duas ou mais estratégias	2
		Menções e comentários de um Tweet	1
		Não consta	2
Metodologias de Análise	n.	Tweets analisados	
Análise Temática	12	465 a 525.897	
Análise do Discurso	4	21 a 215	
Análise do Discurso digital	2	990 a 2500	
Análise de Conteúdo	5	152 a 2.848	
Outros	9	400 a 4685	
Não consta	5	433 a 1000	

Na tabela 02, é possível observar que a escolha da metodologia de análise está intrinsicamente relacionada à quantidade de tweets selecionados para análise. Por exemplo, abordagens focadas na análise de discurso geralmente tendem a adotar um número menor de

tweets, exceto aquelas que adotam metodologias especialmente direcionadas para a análise de discurso em plataformas digitais, as quais tendem a envolver um corpus de análise mais extenso. Além disso, é perceptível uma inclinação em direção ao uso de um volume substancial de tweets para análise, sugerindo um esforço nos estudos para se aproximarem de abordagens mais quantitativas, especialmente porque essas são as metodologias de análise mais comuns para examinar a rede social.

Os resultados encontrados indicam que os estudos realizados têm adotado abordagens de análise qualitativa, ao mesmo tempo em que incorporam elementos da análise quantitativa, apesar de se classificarem e autodenominarem como qualitativa. Willig (2013) apresenta um argumento significativo a respeito dessas abordagens, denominadas de ‘q pequeno’. Nesse contexto, os métodos de coleta e análise partem, tipicamente, de uma hipótese e categorias pré-definidas pelo pesquisador, visando verificar uma teoria ao invés de criar insights. Consequentemente, a análise é conduzida de maneira estruturada, com um rigoroso controle sobre o que pode emergir dela. Além disso, observa-se nos resultados uma preocupação com a ideia de confiabilidade dos dados, onde há a busca por um consenso interpretativo, associado a perspectivas positivistas. Portanto, essa abordagem demonstra um afastamento em relação a aspectos fundamentais da metodologia qualitativa de ‘Q grande’, que se destaca por sua natureza indutiva, aberta e voltada para a geração de teorias e exploração de significados. Em pesquisas ‘Q grande’, ao invés de meramente aplicar teorias e hipóteses predefinidas, o pesquisador engaja-se com os dados a fim de desenvolver novas perspectivas sobre as construções de significado e as experiências do mundo por parte dos participantes.

A dimensão referente aos resultados dos estudos envolveu a análise temática dos principais achados, a qual resultou em quatro categorias distintas: a) Comunicação Política e Ativismo Digital; b) Polarização e Violência Comunicacional; c) Formação de Comunidades de Apoio e d) Construção e Representação de Identidades.

Comunicação Política e Ativismo Digital

Essa categoria abriga estudos que exploram as complexas dinâmicas da comunicação política e do ativismo digital no contexto do Twitter, destacando como essa plataforma é utilizada para influenciar, conectar, conscientizar, criar impacto no público-alvo, além das possíveis implicações da mobilização coletiva online.

Tanto políticos quanto grupos minoritários fazem um uso estratégico do Twitter como uma forma de ampliar o alcance de suas ideias, transmitindo mensagens que podem atingir diretamente o público-alvo, estreitar relações, facilitar mobilizações, propor ações a questões relativas a direitos e deveres e promover políticas que estejam alinhadas aos seus interesses (Engesser et al., 2017; Margolin, 2022; Perez-Cepeda & Arias-Bolzmann, 2021; Ross & Bhatia, 2019). Essa interação direta tornou a rede social uma ferramenta poderosa para a capacitação e formação de ativistas, podendo mobilizar pessoas e transcender barreiras geográficas e demográficas, ampliando discussões e protestos (Hon, 2015; Sundstrom et al., 2013). Nesse sentido, a habilidade de criar tweets impactantes, utilizando-se de diferentes recursos, pode aproximar diferentes públicos e promover diálogos (Gillen, 2018).

Grupos políticos frequentemente recorrem a apelos emocionais para se conectar com a população como uma maneira de reforçar a noção de poder popular, criticar elites e direcionar mensagens para segmentos específicos da sociedade, além disso, a narrativa utilizada é consistente e contínua (Engesser et al., 2017). Por outro lado, ativistas utilizam das hashtags no Twitter para potencializar o ativismo por meio de narrativas coletivas, ou seja, diferentes pessoas compartilham vivências similares e reivindicam o espaço como uma forma de conscientização digital. Além disso, a construção de histórias através de perfis individuais ou paródias desempenha um papel crucial na conscientização de temas coletivos, como a pandemia de covid-19 (SARS-CoV-2), tornando as ameaças relacionadas a esse vírus mais palpáveis (Roig & Martorell, 2021). Nesse contexto, as discussões travadas na rede social podem ser uma ferramenta poderosa para questionar estruturas que favorecem grupos privilegiados da

sociedade, influenciar seguidores e aumentar a conscientização sobre tópicos relevantes (Recuber, 2021; Schmittel & Sanderson, 2015).

No entanto, o ativismo no Twitter apresenta uma faceta complexa: a capacidade de ampliar discussões e engajar indivíduos é contraposta pela possibilidade de uma abordagem breve de questões sociais. O ativismo pode assumir um apoio pontual às causas sem uma participação crítica e ampliada. Essa manifestação se traduz em reações momentâneas, em vez de um engajamento político contínuo. Dessa forma, questões sociais e raciais podem ser compreendidas de forma individualizada e descontextualizada, desconsiderando aspectos estruturais e sistemáticos, colocando em questão a conscientização e a complexidade das questões políticas e sociais (Bouvier & Machin, 2021; Moody-Ramirez & Cole, 2018; Weij et al., 2015).

Polarização e Violência comunicacional

Essa categoria envolve os resultados dos estudos de analisam o modo de funcionamento do Twitter em relação a diferentes perspectivas e ideologias. Diferentes posições, de múltiplos temas, coexistem nesse espaço de forma não harmônica, evidenciando-se as estratégias utilizadas para incentivar ou combater as dinâmicas existentes na polaridade.

O Twitter abre espaço para possibilidades de diferentes diálogos no qual a linguagem desempenha um papel crucial, ela pode disseminar diferentes visões de mundo e ideologias, possibilitando um aumento na diversidade de perspectivas e opiniões, o que pode levar a um enriquecimento do debate e da compreensão mútua, quanto pode fomentar uma polarização e intensificar conflitos e atritos em grupos com opiniões distintas. As diferentes perspectivas coexistindo na rede social implica em comentários que podem abranger um engajamento positivo, incentivando mudanças em relação as estruturas de poder enquanto simultaneamente apresenta resistência a elas. O conflito é percebido entre ideias de preservação de normas e progressismo, entre apego à normas culturais e abertura para o multiculturalismo e entre

tradição e renovação. A polarização pode ocorrer desde reações a propaganda, política, esporte, diferentes usos da linguagem e até mesmo a resposta a eventos e situações traumáticas (Bogen et al., 2021; Cranmer & Sanderson, 2018; Eriksson, 2018; Hughes et al., 2022; Margolin, 2022; Sanderson & Gramlich, 2016; Szto, 2016; Truan, 2022).

A plataforma passa a ser percebida como um campo de batalha, a retórica violenta é utilizada como forma de comunicação para defender e expor os pontos de vista, dominada por aspectos emocionais com o predomínio de discursos agressivos, sem a abertura para o diálogo e para conflitos construtivos. Além da emoção, o humor é utilizado como uma forma de garantir superioridade no discurso, o que pode ocasionar na perpetuação de estereótipos e imagens pejorativas de grupos já marginalizados, além de promover ataques, zombarias e inferiorizar aqueles que de alguma forma não seguem a norma padrão vigente (Bouvier & Machin, 2021; Chaitin et al., 2017; Evolvi, 2019; Vladimirov & House, 2018; Wheatley & Vatnoey, 2022).

Em relação a isso, movimentos políticos e sociais exercem sua influência na polaridade de duas maneiras distintas: a partir de estratégias ofensivas ou defensivas. Assim, podem promover a polarização como um meio de angariar apoio, portando-se como vítimas e colocando aqueles contrários aos seus ideais como vilões ou intensificar a polarização como um meio de defesa, na tentativa de mitigar e combater discursos violentos e de ódio, apresentando-se como contranarrativas (Margolin, 2022; Moody-Ramirez & Cole, 2018).

As contranarrativas podem se apresentar como um apoio incondicional e explícito diante de revitimizações, discursos de calma e resiliência em contraposição a discursos que intensificam o medo e a sensação de ameaça, além de reivindicação de mudanças e justiça diante de injustiças (Aurrekoetxea-Casaus, 2020; Eriksson, 2018; Lawson, 2018; Moody-Ramirez & Cole, 2018). Além das contranarrativas como forma de defesa, os autobloqueadores podem atuar como uma forma de proteção aos usuários do constante contato com opiniões diversas, ao mesmo tempo que criam um “espaço de eco”, onde há a completa restrição de

interações com opiniões divergentes. Os usuários relacionam esse movimento como noções de dano, cuidado, saúde e segurança (Wheatley & Vatnoey, 2022).

Formação de Comunidades de Apoio

Essa categoria aborda aqueles resultados dos estudos relativos à formação de comunidades de apoio e suporte no Twitter. Neste sentido, a plataforma atua como um espaço de cuidado, seja por meio da empatia, do acolhimento e da disponibilidade.

O Twitter propicia a formação de diferentes comunidades de apoio que visam o acolhimento e empoderamento de grupos minoritários e indivíduos que enfrentam desafios específicos. A atmosfera de apoio encoraja o compartilhamento de experiências na rede, tendo um impacto significativo na formação dessas comunidades. No âmbito da plataforma, tópicos relacionados à saúde mental, como a divulgação pública de problemas de saúde por um rapper negro americano e a discussão em torno de um diagnóstico de transtorno de personalidade, encontram um ambiente mais acolhedor e incentivador (Dyson & Gorvin, 2017; Francis, 2021).

O suporte online se manifesta em três dimensões: emocional, de rede e informativo. O apoio emocional se expressa por meio de empatia e acolhimento, o de rede é evidenciado pela constante afirmação da presença e disponibilidade da comunidade, e o informativo se traduz no compartilhamento de informações sobre recursos disponíveis para saúde mental (Francis, 2021).

As comunidades serviram para aliviar o isolamento que muitos participantes experimentavam em seus relacionamentos interpessoais, incluindo a aceitação da diferença e uma visão mais construtiva das interações interpessoais, e na maneira como os indivíduos enfrentam ameaças e desafios em suas vidas cotidianas. Para além de acolhimento e incentivos, as comunidades de apoio atuaram como uma forma de criar estratégias de resistência, resiliência e orgulho. A rede social pode ser usada como uma ferramenta para superar barreiras culturais,

compartilhar histórias de superação e encontrar apoio emocional e informativo (Dyson & Gorvin, 2017; Francis, 2021; Jenkins et al., 2019).

Construção e Representação de Identidades

Essa categoria agrupa estudos que exploraram as diferentes formas como os usuários utilizam o Twitter como uma ferramenta de representação e construção de identidades individuais e coletivas, além das influências culturais e sociais, e dinâmicas existentes nesse processo. Além disso, explora como o Twitter serve como um espaço onde as identidades são moldadas, contestadas e comunicadas por meio de interações e narrativas.

Os jovens têm utilizado a plataforma para construir, apresentar e moldar identidades, explorar dinâmicas culturais e desenvolver um entendimento amplo de práticas sociais. Ao usar o Twitter como um meio de expressão, os jovens puderam não apenas questionar, mas compreender o seu próprio papel e lugar na plataforma, engajando-se ativamente com conteúdo de seus interesses, atrelados aos seus valores e estilos de vida. Nesse sentido, o marketing utiliza-se desse movimento para capitalizar essas interações, visando um engajamento com as marcas, que assumem uma relevância e significado amplo para os jovens, uma vez que se interliga de maneira intrínseca aos interesses, estilos e visões de mundo que foram compartilhados dentro dessa rede social (Atkinson et al., 2017; Gleason, 2018).

Os usuários da plataforma buscam, ao compartilhar detalhes de suas vidas cotidianas, apresentar uma identidade coerente e consistente, especialmente em relação a valores pessoais e questões sociais. Os tweets são utilizados como uma forma de autoafirmação cultural e social, e a recepção destes (por meio de *likes* e *retweets*) está interligado a autoestima e autopercepção, de forma que os usuários buscam o feedback positivo de outros usuários. A consciência de como podem ser percebidos pelo outro e os riscos à autoimagem, influenciam os usuários para buscar estratégias para evitar a percepção negativa, visando construir uma imagem moralmente correta de si (Dayter, 2014; Parvaresh, 2022; Selim et al., 2014)

A construção da representação na plataforma permite que os usuários narrem a própria história, permitindo a seleção do que desejam compartilhar e da maneira como preferem fazê-lo, apresentando uma alternativa para como desejam ser percebidos e lembrados (Recuber, 2021). A seleção do que compartilhar, de qual história contar e quais aspectos enfatizar pode ser influenciada pelo que os usuários acreditam que possa ser mais atraente para outros usuários, o que pode gerar mais engajamento ou fortalecer discussões na rede e não necessariamente o que os representa ou influencia fortemente suas próprias vidas (Bogen et al., 2018).

Para além disso, a possibilidade de percepção pode mobilizar usuários e coletivos a atuar na busca por romper com identidades de categorias sociais estigmatizadas. Assim, por meio das discussões e interações estabelecidas na rede, é possível apresentar a si mesmo desvinculado de características estereotipadas do mundo material, desafiando rótulos diagnósticos e até mesmo redefinindo identidades coletivas (Dyson & Gorvin, 2017; Jenkins et al., 2019; Stevens & Maurantonio, 2018). Por outro lado, outros usuários podem atuar reforçando perspectivas não críticas e hegemônicas de identidades individuais e coletivas, fortalecendo posições de poder e visões de controle (Salzmann-Erikson, 2017).

Embora diferentes estudos destaquem a eficácia do Twitter como ferramenta de mudança social, ela parece depender da capacidade dos movimentos de traduzirem o engajamento digital em ações concretas no mundo offline. Ainda que o Twitter possa ser eficaz para chamar a atenção e mobilizar rapidamente, a sustentabilidade dos movimentos digitais requer estratégias que vão além do ambiente online. A forma como as discussões e mobilizações ocorrem na rede social não parece provocar de fato uma conscientização profunda sobre tópicos sociais, mas sim, discussões calorosas angariadas em polêmicas.

Enquanto o Twitter tem o potencial de ser uma plataforma para a disseminação de ideias e mobilização, a polarização frequentemente impede que as discussões se tornem debates enriquecedores. A tendência para retórica emocional, a falta de abertura para o diálogo e a criação de bolhas de filtro limita a capacidade de a plataforma promover um debate produtivo e o enriquecimento de ideias múltiplas.

Além disso, enquanto o Twitter pode ser uma ferramenta poderosa para a formação de comunidades de apoio, a dualidade do ambiente online significa que os indivíduos podem tanto ser apoiados quanto atacados. Embora a plataforma permita a construção e reinvenção de novas identidades, essas mudanças nem sempre são bem-vindas pelos outros usuários, sendo muitas vezes vistas como ‘falsidade’ ou meios de caçar *likes*, mesmo que representem mudanças genuínas. O que foi escrito no passado tende a não ser digno de perdão, reinvenção ou aprendizado, perpetuando uma cultura de imobilidade identitária.

O Twitter é um espaço de dinâmicas complexas, no qual a linguagem faz convites ambivalentes: para uma discussão violenta ou para estabelecer conexões sociais. As conexões estabelecidas podem potencializar uma comunidade por meio da troca de experiências, vivências e suporte, como também podem intensificar exclusões de minorias e comunidades já marginalizadas. As tensões existentes se apresentam desde apoios e ataques, normas e contravenções, progressismos e tradicionalismos, verdade e mentira, amor e ódio, sendo sustentados nesse ambiente pelo discurso. Recuero et al. (2014) acreditam que essa dualidade

seja intensificada pela ideia da internet como um espaço democrático que possibilita a existência de diferentes discursos, inclusos vozes não-dominantes. No entanto, ainda que a haja a valorização da liberdade de expressão, as relações de poder podem limitar a diversidade de vozes ou possibilitar a luta pela hegemonia do discurso (Deslandes, 2018).

As disputas pelo estabelecimento de uma verdade utilizam o discurso como ferramenta para a hegemonia de sentido sobre outros discursos (Recuero & Soares, 2021). Para Foucault (1990), discurso, poder e ideologia estão intrinsecamente entrelaçados, contribuindo para a manutenção do domínio, uma vez que as palavras exercem influência e controle sobre as representações de mundo. As práticas discursivas no Twitter atuam na preservação de um discurso dominante, ao mesmo passo em que tecem questionamentos e críticas a esse discurso, fomentando a emergência de discursos alternativos. Neste sentido, o ativismo digital aparece como um meio de amplificar vozes, à medida que abre caminhos para conversas amplas sobre justiça e defesa social digital. Contudo, o algoritmo da plataforma atua aproximando discursos e ideologias semelhantes, ao mesmo tempo em que afastam discursos distintos, o que pode criar um movimento ativista dentro de uma ‘bolha’ ideológica (Deslandes, 2018).

As práticas ativistas podem estar atreladas à criação de reputação online e não, necessariamente, a um envolvimento político-social, ou seja, atrelado à ideia de como essas ações são percebidas e como elas podem melhorar a sua posição social (Zago & Batista, 2009). O engajamento dentro dessas ‘bolhas’ ideológicas pode ser uma ferramenta de reconhecimento e capital social, fazendo com que o ativismo se aproxime das práticas de ‘cancelamento’. Ainda que Norris (2023) defenda que o ato de 'cancelar' seja a reverberação e a aceitação da pressão social diante daqueles que violam normas éticas, Almeida (2020) contrasta essa visão ao sugerir que o cancelamento equivale a negar a existência do outro, resultando na evitação do diálogo e da oportunidade de aprendizado mútuo.

As reações coletivas e com potenciais de ataques podem levar a modificações na narração sobre si a fim de evitar retaliações, possibilitando o entendimento de que o falar de si é necessariamente para o outro. Esse movimento leva a diferentes questionamentos: Qual identidade é construída em um ambiente virtual ambivalente? A que e a quem servem essas identidades? As redes sociais oferecem aos indivíduos a oportunidade de moldar deliberadamente sua própria imagem, desempenhando um papel crucial na formação e manutenção das conexões sociais. Assim, a identidade virtual pode ser amplamente difundida

e romantizada, exercendo influência no mundo offline. É importante ressaltar que, embora a imagem possa ser meticulosamente construída, destacando qualidades e aspectos positivos, essa representação é efêmera. No Twitter, diante de baixo engajamento ou críticas com previsões de ‘cancelamento’, a identidade virtual pode ser reconstruída, mantendo-se assim, em constante processo de reinvenção.

Considerações Finais

A revisão da literatura se propôs a explorar os estudos psicossociais no Twitter em pesquisas qualitativas. Há um interesse constante na plataforma como objeto de estudo, embora esse interesse não se manifeste de maneira uniforme ao longo do tempo. Além disso, foi observado que estudos desse campo têm sido publicado por uma diversidade de revistas científicas, envolvendo autores de diversas áreas do conhecimento, com destaque para a Comunicação e a Psicologia. Quanto aos métodos de coleta, os pesquisadores utilizaram tanto ferramentas automatizadas quanto coleta manual, resultando em uma ampla variação na quantidade de tweets coletados e analisados. As estratégias de busca abrangeram hashtags, perfis e palavras-chave. As análises adotaram diferentes métodos, com ênfase na Análise Temática, Análise do Discurso e Análise de Conteúdo. É importante notar que 22 dos 37 estudos, embora se autodenominassem qualitativos, incorporaram aspectos de análise quantitativa, indicando uma tendência de aproximação com abordagens mais quantitativas nas pesquisas.

A respeito dos processos psicossociais ocorrentes na plataforma, destaque-se que o Twitter desempenha um papel como espaço comunicativo que viabiliza práticas políticas, discussões polarizadas, apoio emocional e construção e negociação de identidades individuais e coletivas. Por ser ocupado por diferentes pessoas, diferentes culturas e linguagens, o Twitter possibilita a existência de diferentes verdades, explicitando o que caracteriza a rede social: a

ambivalência. Os fenômenos ocorridos no Twitter dizem respeito às relações estabelecidas com a rede social, com o que se pretende contar, o como contar e o que se mobiliza ao fazê-lo.

A respeito das limitações existentes nesse estudo, aponta-se a escassez de estudos nacionais sobre a rede social e o domínio de literaturas americanas e europeias nas bases indexadas utilizadas. Outra limitação desse estudo diz respeito ao processo de composição do corpus da pesquisa, sendo que a utilização de determinadas bases e filtros para selecionar estudos psicossociais pode ter desconsiderado artigos da área e que também exploraram a rede social.

A revisão da literatura aponta como o Twitter, ao se destacar como um espaço de comunicação política, de produção de diversos tipos de ativismo, e de apresentação/construção de si publicamente, pode ser melhor compreendido por estudos qualitativos futuros que permitam examinar a disputa discursiva e argumentativa em torno de diferentes verdades. Isso inclui a análise das estratégias argumentativas empregadas e a natureza efêmera dos debates sobre os temas políticos, sociais e culturais. O estudo das mídias sociais, como o Twitter, consiste em uma oportunidade de compreensão de um fenômeno psicossocial marcante de nossa sociedade atual e que pode destacar as complexas dinâmicas sociais e políticas aí presentes.

Referências

- A nova mudança radical de Elon Musk no Twitter. (2023, junho 23). *VEJA*.
<https://veja.abril.com.br/tecnologia/a-nova-mudanca-radical-de-elon-musk-no-twitter>
- Almeida, S. (2020, fevereiro 21). A cultura do “cancelamento” é a antipolítica por excelência. *Disparada*. <https://disparada.com.br/cancelamento-antipolitica/>
- Arcoverde, R. L., & Amazonas, M. C. L. D. A. (2013). Post-structuralism and psychological research on/through the internet. *Psicologia & Sociedade*, 25(spe), 62–69.
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000500008>
- Atkinson, A. M., Ross-Houle, K. M., Begley, E., & Sumnall, H. (2017). An exploration of alcohol advertising on social networking sites: An analysis of content, interactions and young people’s perspectives. *Addiction Research & Theory*, 25(2), 91–102.
<https://doi.org/10.1080/16066359.2016.1202241>
- Aurrekoetxea-Casaus, M. (2020). San fermines #la manada case: An exploratory analysis of social support for victims of sexual violence on Twitter. *Computers in Human Behavior*, 108, 106299. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106299>
- Bogen, K. W., Millman, C., Huntington, F., & Orchowski, L. M. (2018). A Qualitative Analysis of Disclosing Sexual Victimization by #NotOkay During the 2016 Presidential Election. *Violence and Gender*, 5(3), 174–181. <https://doi.org/10.1089/vio.2017.0053>
- Bogen, K. W., Williams, S. L., Reidy, D. E., & Orchowski, L. M. (2021). We (want to) believe in the best of men: A qualitative analysis of reactions to #Gillette on Twitter. *Psychology of Men & Masculinities*, 22(1), 101–112. <https://doi.org/10.1037/men0000308>
- Bouvier, G., & Machin, D. (2021). What gets lost in Twitter ‘cancel culture’ hashtags? Calling out racists reveals some limitations of social justice campaigns. *Discourse & Society*, 32(3), 307–327. <https://doi.org/10.1177/0957926520977215>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

- Cavalcante, L. T. C. & Oliveira, A. A. S. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, 26 (1), 83-102.
- Chaitin, J., Steinberg, S., & Steinberg, S. (2017). Polarized words: Discourse on the boycott of Israel, social justice and conflict resolution. *International Journal of Conflict Management*, 28(3), 270–294. <https://doi.org/10.1108/IJCMA-05-2016-0029>
- Cranmer, G. A., & Sanderson, J. (2018). “Rough Week for Testosterone”: Public Commentary around the Ivy League’s Decision to Restrict Tackle Football in Practice. *Western Journal of Communication*, 82(5), 631–647. <https://doi.org/10.1080/10570314.2018.1441431>
- Dayter, D. (2014). Self-praise in microblogging. *Journal of Pragmatics*, 61, 91–102. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2013.11.021>
- Deslandes, S. F. (2018). O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(10), 3133–3136. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.21122018>
- Dyson, H., & Gorvin, L. (2017). How Is a Label of Borderline Personality Disorder Constructed on Twitter: A Critical Discourse Analysis. *Issues in Mental Health Nursing*, 38(10), 780–790. <https://doi.org/10.1080/01612840.2017.1354105>
- Engesser, S., Ernst, N., Esser, F., & Büchel, F. (2017). Populism and social media: How politicians spread a fragmented ideology. *Information, Communication & Society*, 20(8), 1109–1126. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2016.1207697>
- Eriksson, M. (2018). Pizza, beer and kittens: Negotiating cultural trauma discourses on Twitter in the wake of the 2017 Stockholm attack. *New Media & Society*, 20(11), 3980–3996. <https://doi.org/10.1177/1461444818765484>
- Evolvi, G. (2019). #Islamexit: Inter-group antagonism on Twitter. *Information, Communication & Society*, 22(3), 386–401. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2017.1388427>

- Foucault, M. (1990). *A Ordem Do Discurso*. Aneas Edições Loyola.
- Francis, D. B. (2021). “Twitter is Really Therapeutic at Times”: Examination of Black Men’s Twitter Conversations Following Hip-Hop Artist Kid Cudi’s Depression Disclosure. *Health Communication*, 36(4), 448–456. <https://doi.org/10.1080/10410236.2019.1700436>
- Gillen, J. (2018). Cricket bats, #riotcleanup, and rhubarb: Everyday creativity in Twitter interactions around Test Match Special. *Language Sciences*, 65, 37–47. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2017.03.007>
- Gleason, B. (2018). Thinking in hashtags: Exploring teenagers’ new literacies practices on twitter. *Learning, Media and Technology*, 43(2), 165–180. <https://doi.org/10.1080/17439884.2018.1462207>
- Holland, G., & Tiggemann, M. (2016). A systematic review of the impact of the use of social networking sites on body image and disordered eating outcomes. *Body Image*, 17, 100–110. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2016.02.008>
- Hughes, B., Jones, D., & Amarasingam, A. (2022). Ecofascism: An Examination of the Far-Right/Ecology Nexus in the Online Space. *Terrorism and Political Violence*, 34(5), 997–1023. <https://doi.org/10.1080/09546553.2022.2069932>
- Iqbal, M. (2023, agosto 10). Twitter Revenue and Usage Statistics (2023). *Business of Apps*. <https://www.businessofapps.com/data/twitter-statistics/>
- Jenkins, E. M., Zaher, Z., Tikkanen, S. A., & Ford, J. L. (2019). Creative identity (re)Construction, creative community building, and creative resistance: A qualitative analysis of queer ingroup members’ tweets after the Orlando Shooting. *Computers in Human Behavior*, 101, 14–21. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.07.004>

- Lawson, C. E. (2018). Platform vulnerabilities: Harassment and misogynoir in the digital attack on Leslie Jones. *Information, Communication & Society*, 21(6), 818–833.
<https://doi.org/10.1080/1369118X.2018.1437203>
- Lima, N. L., Moreira, J. de O., Stengel, M., & Maia, L. M. (2016). As redes sociais virtuais e a dinâmica da internet. *Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia*, 9(1), 90-109.
- Lira, I. D. G. (2021). *Feminismos em 280 caracteres: O Twitter Como Espaço Educativo*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal da Paraíba.
- Margolin, D. (2022). #Hamas: A Thematic Exploration of Hamas's English-Language Twitter. *Terrorism and Political Violence*, 34(6), 1076–1101.
<https://doi.org/10.1080/09546553.2020.1761343>
- Miguel, R. D. B. P., Arndt, G. J., & Pires, J. G. (2021). Psicólogos e o Uso das Mídias: Um Relato de Pesquisa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, e224152.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003224152>
- Moody-Ramirez, M., & Cole, H. (2018). Victim Blaming in Twitter Users' Framing of Eric Garner and Michael Brown. *Journal of Black Studies*, 49(4), 383–407.
<https://doi.org/10.1177/0021934718754312>
- Norris, P. (2023). Cancel Culture: Myth or Reality? *Political Studies*, 71(1), 145–174.
<https://doi.org/10.1177/00323217211037023>
- Parvaresh, V. (2022). On the morality of taking offence. *Language & Communication*, 87, 60–71. <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2022.07.004>
- Perez-Cepeda, M., & Arias-Bolzmann, L. G. (2021). Refugee information consumption on Twitter. *Journal of Business Research*, 123, 529–537.
<https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.10.029>

- Recuber, T. (2021). Race, racism and mnemonic freedom in the digital afterlife. *Information, Communication & Society*, 24(5), 684–699.
<https://doi.org/10.1080/1369118X.2021.1874474>
- Recuero, R., & Soares, F. (2021). Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. *E-Compós*, 24. <https://doi.org/10.30962/ec.2127>
- Recuero, R., Zago, G., & Bastos, M. T. (2014). O discurso dos #ProtestosBR: Análise de conteúdo do Twitter. *Galáxia (São Paulo)*, 14(28), 199–216.
<https://doi.org/10.1590/1982-25542014217911>
- Roig, A., & Martorell, S. (2021). A fictional character in a real pandemic: Humanization of the Covid-19 virus as a parody account on Twitter. *Information, Communication & Society*, 24(6), 886–902. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2021.1909094>
- Ross, A. S., & Bhatia, A. (2019). #secondcivilwarletters from the front: Discursive illusions in a trending Twitter hashtag. *New Media & Society*, 21(10), 2222–2241.
<https://doi.org/10.1177/1461444819843311>
- Salzmann-Erikson, M. (2017). Virtual communication about psychiatric intensive care units: Social actor representatives claim space on Twitter. *International Journal of Mental Health Nursing*, 26(4), 366–374. <https://doi.org/10.1111/inm.12253>
- Sanderson, J., & Gramlich, K. (2016). “You Go Girl!”: Twitter and Conversations About Sport Culture and Gender. *Sociology of Sport Journal*, 33(2), 113–123.
<https://doi.org/10.1123/ssj.2015-0048>
- Saraiva, M. Q., & Bertol, R. (2022). O dito e o não dito no Twitter: Análises sobre as estratégias para a eleição à prefeitura do Rio de Janeiro em 2020. *ALCEU*, 22(48), 102–125.
<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.334>

- Schmittel, A., & Sanderson, J. (2015). Talking About Trayvon in 140 Characters: Exploring NFL Players' Tweets About the George Zimmerman Verdict. *Journal of Sport and Social Issues*, 39(4), 332–345. <https://doi.org/10.1177/0193723514557821>
- Selim, H. A., Long, K. M., & Vignoles, V. L. (2014). *Exploring Identity Motives in Twitter Usage in Saudi Arabia and the UK*.
- Stevens, L., & Maurantonio, N. (2018). Black Twitter Asks Rachel: Racial Identity Theft in “Post-Racial” America. *Howard Journal of Communications*, 29(2), 179–195. <https://doi.org/10.1080/10646175.2017.1354789>
- Szto, C. (2016). #LOL at Multiculturalism: Reactions to Hockey Night in Canada Punjabi From the Twittiverse. *Sociology of Sport Journal*, 33(3), 208–218. <https://doi.org/10.1123/ssj.2015-0160>
- Tankovska, H. (2019). X/Twitter MAU worldwide 2019. *Statista*. <https://www.statista.com/statistics/282087/number-of-monthly-active-twitter-users/>
- Truan, N. (2022). (When) Can I say Du to You? The metapragmatics of forms of address on German-Speaking Twitter. *Journal of Pragmatics*, 191, 227–239. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2022.02.008>
- Vidal, D. M., & Souza, D. S. D. (2022). Mulheres no espaço político: Afinidades e discrepâncias em postagens no Twitter. *In Mediaciones de la Comunicación*, 17(2). <https://doi.org/10.18861/ic.2022.17.2.3133>
- Vladimirou, D., & House, J. (2018). Ludic impoliteness and globalisation on Twitter: ‘I speak England very best’ #agglika_Tsipra, #Tsipras #Clinton. *Journal of Pragmatics*, 134, 149–162. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2018.05.005>
- Weij, F., Berkers, P., & Engelbert, J. (2015). Western solidarity with Pussy Riot and the Twittering of cosmopolitan selves: Western solidarity with Pussy Riot. *International Journal of Consumer Studies*, 39(5), 489–494. <https://doi.org/10.1111/ijcs.12215>

- Weller, K. (Org.). (2013). *Twitter and society*. Peter Lang.
- Wheatley, D., & Vatnoey, E. (2022). Understanding attitudes towards social media segregation: Spatial metaphors in the discussion of Twitter blocklists. *Information, Communication & Society*, 25(1), 1–16. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2020.1749696>
- Willig, C. (2012). Perspectives on the epistemological bases for qualitative research. In H. Cooper, P. M. Camic, D. L. Long, A. T. Panter, D. Rindskopf, & K. J. Sher (Orgs.), *APA handbook of research methods in psychology, Vol 1: Foundations, planning, measures, and psychometrics*. (p. 5–21). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/13619-002>
- Zago, G., & Batista, J. (2009). Ativismo em redes sociais digitais: Formas de participação em ações coletivas no ciberespaço. *Verso e Reverso*, 23(52). <https://doi.org/10.4013/ver.2009.23.52.05>

Parte III

Estratégias discursivas em resposta ao ativismo digital de Erika Hilton em relação à união homoafetiva

Resumo

O ativismo digital representa uma abordagem inovadora de envolvimento político. O Twitter tem sido espaço para que as questões políticas ganhem repercussão, potencialmente influenciando as opiniões dos indivíduos sobre os temas em discussão. O objetivo desse estudo foi caracterizar as estratégias discursivas utilizadas por usuários do Twitter (X) em resposta ao ativismo digital de Erika Hilton em relação à união homoafetiva em 2023. A partir da análise temática de 2.380 tweets, foram identificadas quatro estratégias: a) A idealização de Erika; b) A resistência ao projeto de lei; c) A recusa da união homoafetiva e a rejeição à comunidade LGBTQIA+; d) A desqualificação preconceituosa de Erika. O estudo ilustra o impacto político da mobilização de Erika Hilton no Twitter e revela o campo de disputas discursivas em torno da união homoafetiva.

Palavras-Chave: Política; Twitter; LGBT; Discurso.

Abstract

Digital activism represents an innovative approach to political engagement. Twitter has been a platform where political issues gain traction, potentially influencing individuals' opinions on the topics under discussion. The objective of this study was to characterize the discursive strategies used by Twitter (X) users in response to Erika Hilton's digital activism regarding same-sex marriage in 2023. Based on the thematic analysis of 2,380 tweets, four strategies were identified: a) The idealization of Erika; b) Resistance to the bill; c) Refusal of same-sex marriage and rejection of the LGBTQIA+ community; d) Prejudiced disqualification of Erika.

The study illustrates the political impact of Erika Hilton's mobilization on Twitter and reveals the field of discursive disputes surrounding same-sex marriage.

Keywords: Politics; Twitter; LGBT; Discourse.

Introdução

O Twitter se destaca como um espaço que amplia e dá visibilidade a temas e discussões políticas. Essa rede social tem sido espaço para que as questões políticas ganhem repercussão, potencialmente influenciando as opiniões dos indivíduos sobre os temas em discussão. Para aqueles que acompanham líderes ou atores políticos, o Twitter proporciona o contato direto, além de satisfazer o desejo de usuários de poderem participar ativamente do processo político, emitindo opiniões e questionamentos (Rossetto et al., 2013).

Na literatura, encontram-se diferentes estudos sobre o ativismo realizado no Twitter. Tanto políticos quanto grupos sociopolíticos utilizam o Twitter não apenas como uma ferramenta de autopromoção, mas também para criar narrativas que engajem o público na luta por suas agendas (Engesser et al., 2017; Margolin, 2022). Nesse sentido, quando figuras de relevância cultural na sociedade se engajam em temas importantes para elas e demonstram essa importância, isso pode promover e ampliar conversas culturais. Ao compartilharem seu envolvimento com o tema, essas declarações incentivam seus seguidores a responder, fomentam discussões sobre o assunto e abrem caminhos para diálogos mais amplos (Hon, 2015; Schmittle & Sanderson, 2015).

No Brasil, Erika Hilton, a primeira mulher trans negra eleita deputada federal em São Paulo desempenha um papel significativo no Twitter. Acumulando mais de 600 mil seguidores, ela constrói um espaço de resistência e enfrentamento aos discursos e às pautas contrárias à comunidade LGBTQIA+. Freitas (2023) e Abouid e Josephson (2023) analisaram o ativismo de Erika Hilton e apontaram que, ao ocupar diferentes espaços, ela desafia a hegemonia cissexista e os discursos da colonialidade. Por meio do ativismo digital ela promove a circulação de denúncias e a conscientização sobre crimes LGBTQIA+fóbicos. Embora esses estudos tragam contribuições sobre seu modo de ser ativista política, esses estudos não exploram as respostas dos seguidores e as interações diante de seu ativismo.

Compreender os papéis não apenas dos líderes, mas também daqueles que interagem no ativismo torna-se fundamental. Conforme destacado por Batista (2012), o estudo desses papéis é essencial para compreender as nuances da participação política no contexto digital, que pode envolver mais do que a participação direta em manifestações públicas. Nesse sentido, ao participarem e se envolverem no ativismo liderado por figuras como a de Erika Hilton, os usuários estão contribuindo para a criação, produção ou reprodução de valores socialmente existentes.

É importante notar que a crescente visibilidade promovida por esse ativismo digital tem sido acompanhada por uma notável ampliação de discursos conservadores e simbolicamente violentos, especialmente evidentes em publicações e interações de comentários. Tais discursos podem ser caracterizados como discursos de ódio, pois são dirigidos a grupos historicamente discriminados e vulneráveis. No Brasil, a expansão dos discursos está correlacionada ao aumento de grupos reacionários no Congresso nacional, bem como ao crescimento da influência da ‘bancada evangélica’ (Dalmolin et al., 2019). Ademais, é importante ressaltar que o Twitter realizou uma modificação em sua Política de Discurso Violento, removendo a seção que considerava o uso intencional de gênero errado ou o uso do nome de nascimento de pessoas transgênero como discurso de ódio. Essa alteração deixou pessoas trans, ativistas ou não, ainda mais desprotegidas (Freitas, 2023).

Erika Hilton e a União Homoafetiva

O Projeto de Lei (PL) 580/2007, proposto por Clodovil Hernandez, em 2002, já buscava incluir a união homoafetiva no código civil. Ao longo dos anos, este projeto foi vinculado a outras propostas sobre o tema, sendo que apenas uma delas se opõe à união, o PL 5167/2009, de autoria do ex-deputado Capitão Assunção (PSB-ES). Foi exatamente essa proposta que, em 2023, o relator do PL 580/2007, o deputado Pastor Eurico (PL-PE), recomendou para aprovação perante a Comissão de Previdência, Assistência Social, Família, Infância e Adolescência da

Câmara dos Deputados. O texto, fundamentado em argumentos bíblicos e biológicos, visa proibir a união homoafetiva, sustentando-se na ideia de que a família é heterocentrada, composta por uma mulher e um homem, com a finalidade de procriação. Portanto, qualquer legislação que trate de forma distinta a entidade familiar seria considerada inconstitucional e deveria ser excluída do sistema jurídico nacional (Brasil, 2023). Sua recomendação foi apoiada pela maioria dos membros da comissão, com doze deputados favoráveis, enquanto cinco expressaram votos contrários (Salles, 2023).

Dentre os votos contrários, destaca-se o de Erika Hilton. A deputada liderou a formação da Frente Parlamentar em Defesa da Cidadania e dos Direitos da Comunidade LGBTQIA+, a qual conta com o respaldo de mais de 210 parlamentares (Oliva, 2023). Além disso, Hilton utilizou seu perfil nas redes sociais, especialmente no Twitter (X), para divulgar o projeto e angariar apoio popular em relação a ele. O debate sobre a união homoafetiva gerou ampla mobilização, tanto no Twitter quanto em outros contextos, envolvendo tanto defensores quanto opositores, sendo um caso significativo para o estudo das características do ativismo digital de Erika Hilton.

Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo caracterizar as estratégias discursivas utilizadas por usuários do Twitter (X) em resposta ao ativismo digital de Erika Hilton em relação à união homoafetiva em 2023.

Método

Para a construção do corpus da pesquisa, foram selecionados os tweets a partir do perfil da deputada Erika Hilton (@erikakhilton). Para ser possível ter acesso a uma ampla quantidade de dados sem a ocultação de possíveis tweets de ódio, um perfil específico foi criado no Twitter para essa finalidade. A coleta foi conduzida manualmente, em janeiro de 2024, por meio da leitura exaustiva dos tweets no perfil da deputada, publicados no período de setembro a outubro de 2023, durante a votação do projeto na Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância,

Adolescência e Família da Câmara dos Deputados, o qual, após a aprovação, foi encaminhado à Comissão de Direitos Humanos. Foram identificados 17 tweets da deputada que abordavam o tema do projeto de lei e 2.910 tweets de resposta. É importante destacar que a quantidade de *replies* exibida no perfil pode variar devido ao funcionamento do algoritmo do Twitter, que tem a capacidade de filtrar e restringir tweets considerados como spam ou provenientes de perfis fechados.

Para melhor contextualização da análise a ser realizada, na tabela 01 encontra-se o resumo do conteúdo dos tweets de Erika, as datas em que foram publicados e o número de tweets de resposta coletados. Para a análise, não foram considerados os tweets que continham apenas: imagens ou vídeos, sem descrições ou frases; emojis; links e/ou divulgação de propaganda. Dessa forma, a análise envolveu 2.380 tweets.

Tabela 01

Conteúdo dos tweets de Erika Hilton

N	Data	Conteúdo dos tweets	Tweets de Resposta
01	05/09	Informa sobre o projeto de lei. Com os dizeres “não passarão”, ela reafirma que, enquanto estiver no Congresso, bolsonaristas e fundamentalistas não conseguirão propagar ódio. Em anexo, uma foto de Erika levantando a bandeira LGBTQIA+.	315
02	12/09	Discorre sobre a votação de um requerimento que proíbe o projeto de lei de passar por audiência pública, explicando novamente o projeto e citando como aliados Pastor Henrique e Jean Wyllys.	77
03	18/09	Informa sobre a votação do projeto e se coloca como alguém que trabalhará para defender as existências da comunidade LGBTQIA+.	179
04	19/09	Conta que foi eleita como membra titular, juntamente com o Pastor Henrique, da Comissão da Família.	187
05	19/09	Comemora que foi possível evitar a votação do projeto naquele dia e que foi conquistada a audiência pública para ouvir a comunidade.	184
06	19/09	Relata uma situação de transfobia na Comissão da Família e promete que ela e a comunidade ocuparão cada vez mais seus lugares de direito.	214
07	26/09	Avisa sobre data, horário e local da audiência pública. Convida seus seguidores a estarem presentes. Cita a presença de pessoas representativas.	87
08	26/09	Informa sobre o início da audiência pública, fala sobre a inconstitucionalidade do projeto e reafirma a ocupação de espaços e a defesa dos direitos da comunidade.	188

09	26/09	Reproduz falas dos fundamentalistas na Audiência Pública e traça questionamentos e críticas a elas.	57
10	27/09	Anuncia a votação do projeto de lei. Afirma como lutarão para a não aprovação do projeto. Em anexo, vídeo de seu discurso.	89
11	27/09	Comenta sobre estar na Comissão da Família para lutar por direitos. Em anexo, foto de Erika juntamente com Fábio Felix, Pastor Henrique Vieira e Talita Petrone.	187
12	27/09	Discorre sobre seu voto e o do deputado Pastor Henrique, mencionando construção de uma garantia de direitos. Em anexo, vídeo do seu discurso.	183
13	27/09	Conta sobre o seu voto e se coloca, junto à comunidade, como resistência. Em anexo, vídeo do seu discurso.	185
14	27/09	Comemora adiamento da votação do projeto de lei.	199
15	10/10	Comenta sobre a votação do projeto na Comissão da Família, a OAB o considerar inconstitucional, e como isso será usado como argumento.	185
16	10/10	Anuncia seu voto contrário ao projeto de lei. Em anexo, vídeo do seu discurso.	212
17	10/10	Discorre sobre a aprovação do projeto de lei, sua inconstitucionalidade, e mudanças feitas por homofobia. Em anexo, vídeo do seu discurso.	182

Fonte: Elaborada pelos autores

A Tabela 01 mostra que Erika utilizou o Twitter como uma plataforma para registrar e divulgar cada etapa do processo de votação do Projeto de Lei, no referido período. Além disso, em diversos tweets, ela se apresenta como uma defensora comprometida com a manutenção e a conquista de novos direitos. Observa-se que, por meio dos tweets, Erika não apenas informa seus seguidores e divulga seu trabalho, mas também se posiciona – e posiciona aliados como representantes ativos e empenhados.

A análise foi conduzida a partir dos preceitos da análise temática. Conforme Braun e Clarke (2006), a análise temática é caracterizada pela exploração de conjuntos de dados com o propósito de identificar padrões de significado recorrentes. Este processo envolve a imersão nos dados por meio de revisões repetidas, a organização sistemática de códigos com base nas características identificadas, a identificação de temas a partir dos códigos gerados, a revisão dos temas para garantir sua relevância e singularidade, além da definição e rotulação dos temas para aprimorar os detalhes e esclarecer as definições. Por fim, a fase de elaboração do relatório inclui uma análise final relacionada à pergunta de pesquisa, à literatura pertinente e aos temas identificados, resultando na produção de um relatório de análise abrangente. Considerando isso,

os 2380 tweets foram lidos, e identificadas 2959 unidades de sentido. Estes, inicialmente, foram categorizadas em códigos, com base nas características identificadas. A partir da semelhança entre os códigos, esses foram agrupados em distintos temas.

Considerando a flexibilidade epistemológica proposta pela análise temática, a análise se inspirou também em uma perspectiva discursiva, em uma visão da linguagem como ação (Burr, 1995). Assim, o que é dito/escrito é analisado a partir de sua função no contexto discursivo. As pessoas são concebidas como usuárias da linguagem que utilizam de diferentes recursos linguísticos (combinando conteúdos/tópicos, gêneros e estilos) para atingir variadas finalidades interacionais. Essa relação entre tais recursos e suas finalidades constitui as estratégias discursivas. Nesse estudo, o tweets foram estudados de forma a compreender como os usuários utilizavam determinados tópicos na construção das estratégias discursivas visando um engajamento específico, em uma disputa discursiva em relação ao tema proposto por Erika Hilton em seu perfil.

Mantivemos a confidencialidade dos nomes e *usernames* dos usuários que responderam a Erika Hilton, com exceção da deputada, por ser uma figura pública. Partimos do entendimento de que, embora os dados sejam públicos, as pessoas que interagem não o são. De acordo com Recuber (2021), essas pessoas podem não estar cientes de que seus *usernames* podem ser expostos em pesquisas acadêmicas.

Resultados

A análise produziu quatro estratégias discursivas utilizadas pelos usuários do Twitter em resposta ao ativismo digital da deputada, organizadas da seguinte maneira: a) A idealização de Erika; b) A resistência ao projeto de lei; c) A recusa da união homoafetiva e a rejeição à comunidade LGBTQIA+; d) A desqualificação preconceituosa de Erika. Na tabela 02, é possível visualizar a organização por estratégias e tópicos observados em cada uma:

Tabela 02.

Estratégias discursivas e tópicos utilizados pelos usuários do Twitter

Estratégias	Tópicos	Unidades de sentido	Total
A idealização de Erika	• Construção da imagem de Erika como: ○ Mãe 720 ○ Diva 283 ○ Heroína 492 ○ futura Presidenta 56		1551
A resistência ao projeto de lei	• reconhecimento da precariedade dos direitos LGBTQIA+; 161 • crítica às definições biologicistas e heteronormativas de família; 433 • identificação dos opositores e o uso de argumentos bíblicos; 112 • convocação de membros para serem participantes ativos na luta; 185 • acolhimento de dúvidas e críticas às formas de defesa. 173		1064
A recusa da união homoafetiva e a rejeição à comunidade LGBTQIA+	• ridicularização dos pleitos por direitos; 36 • definição de família em bases religiosas e biológicas; 101 • afirmação de uma perspectiva heteronormativa da comunidade LGBTQIA+; 30 • representação da comunidade como ameaça 36 • exaltação a políticos que lutam contra os direitos da população LGBTQIA+; 28		231
A desqualificação preconceituosa de Erika	• ironização do ser 'diva'; 07 • espetacularização do erro; 26 • ridicularização da linguagem neutra e de sua representatividade; 33 • ataque à transexualidade (anatomia, pronomes masculinos e emocionalidade excessiva, e aparência). 47		113

Fonte: Elaborada pelos autores

A análise da Tabela 02 revela que as respostas são majoritariamente compostas por manifestações de apoio presentes nas duas primeiras estratégias (2.615), enquanto os ataques das duas últimas estratégias são menos frequentes (344). Isso sugere que os tweets são predominantemente originados por potenciais membros de sua base eleitoral e seus admiradores. Ademais, observa-se um equilíbrio relativo entre os tweets referentes a Erika e aqueles sobre o casamento, com uma leve predominância no número de tweets voltados para

Erika, o que sugere um engajamento decorrente da relevância do tema, mas, especialmente, pelo vínculo com a deputada.

A organização desses tópicos permite uma melhor compreensão das diferentes estratégias discursivas utilizadas em relação ao ativismo de Erika Hilton e à união homoafetiva, as quais serão apresentados a seguir:

A Idealização de Erika

Essa estratégia envolve as diferentes formas com que a imagem de Erika é valorizada e fortalecida pelos usuários. Nos tweets, ela é descrita como uma mãe, protetora e defensora, uma diva inspiradora, uma heroína a quem poderiam recorrer, e uma futura presidenta que traz esperança de um futuro melhor.

Na comunidade queer, o termo ‘mãe/mamãe’ tem sido empregado como a expressão máxima de elogio, simbolizando o lugar de carinho e reconhecimento que a pessoa em questão ocupa. Nesses tweets, é possível associar tal expressão à ideia de proteção, evocando a cultural Ballroom, na qual a ‘mãe’ de uma Casa é uma líder comunitária que acolhe jovens LGBTQIA+, oferecendo orientação e cuidado (Chery, 2023). Os tweets enfatizam o uso da palavra ‘mãe/mamãe’ e exemplificam o lugar de importância ocupado por Erika no imaginário dos usuários: *“erika vc eh minha mãe”* (Resposta ao Tweet no.15 de Erika Hilton – RT15); *“Mamãe sendo gigante como sempre S2”* (RT17); *“Casa Hilton cada vez mais forte! Estamos juntos!”* (RT01); *“É por isso que eu sirvo a House of Erika Hilton”* (RT01).

A comunidade estabelecida dentro de uma Casa é fortalecida por meio dos bailes, que se destacam pela sua ênfase na glamourização. De maneira semelhante, para enfatizar a relevância de Erika, os usuários a associam a figuras conhecidas por suas performances grandiosas como Beyoncé, Solange Knowles e Urias: *“Comecei o dia, escutando o louvor que você fez com a sua irmã Beyoncé.”* (RT11); *“a beyonce da nossa política brasileira”* (RT11); *“pra cima deles deputada urias”* (RT06); *“Eu amo a diva demais”* (RT16); *“Kinga”*

(RT05). Sua representação como uma diva pop não parece ser apenas uma tentativa de glamourizar sua posição, mas sugere o potencial impacto que essas figuras têm sobre a cultura e a sociedade. A influência das divas pop vai além dos limites da indústria do entretenimento, impactando a percepção social e contribuindo para a criação de narrativas de empoderamento e visibilidade para grupos historicamente marginalizados, como a comunidade LGBTQIA+.

Para além de uma mãe, uma personalidade pop, Erika é colocada pelos usuários como uma guerreira disposta a defendê-los: *“Você é uma guerreira rainhaaa, te amoo”* (RT13); *“Vc é minha super heroína ❤️”* (RT10); *“X-MONA”* (RT01); *“Faça l que for possível ❤️”* (RT01); *“acaba com eles, queen”* (RT07). No incentivo à sua atuação como heroína, os usuários fazem o uso de imperativos, como uma estratégia linguística para convocar Erika para desempenhar um papel ativo na batalha contra a retirada de direitos. Nesse cenário, os usuários parecem assumir uma postura passiva, aguardando defesa e salvação, assemelhando-se a narrativas de super-heroínas enfrentando monstros e vilões. Essa dinâmica é ainda mais evidente no tweet *“X-Mona”*, uma referência ao filme *“X-Men”*. Nota-se que, ao adotarem essa abordagem, é implicitamente sugerido que o ativismo político da deputada é suficiente para impedir o retrocesso: *“Contamos com você, deputada 🙌❤️”* (RT01); *“érika confiamos em você e em todos que estão ao seu lado ❤️”* (RT01); *“Meu marido é eu agradecemos o empenho de vcs. Muito obrigado.”* (RT12).

Adicionalmente, a deputada foi retratada como alguém a quem se pode recorrer diante de ameaças, havendo uma expectativa em relação a uma possível candidatura à presidência por parte de Erika: *“(...) obrigada por tudo futura presidenta!”* (RT17); *“Nós precisamos de você como nossa Presidenta! Necessária demais.”* (RT06); *“Espero que um dia você seja presidenta da república! 🇧🇷❤️”* (RT17). O lugar de Erika como salvadora de uma nação é fortalecido, destacando suas qualidades e habilidades percebidas como necessárias para

liderar o país, como a sua existência acalentadora diante de momentos de opressão. Assim, a esperança parece representar um forte desejo por representatividade e proteção.

A estratégia de idealização de Erika Hilton por parte de seus seguidores pode ser vista como uma forma de mitigar os desafios e ataques que ela enfrenta tanto na Câmara dos Deputados quanto no Twitter. A valorização incondicional de Hilton pode ser interpretada como um mecanismo adotado por seus seguidores para fortalecer e legitimar sua figura, amplificando sua voz e sua luta no cenário político. Essa idealização pode funcionar como um escudo simbólico, protegendo-a das críticas e proporcionando um apoio moral e emocional que reforça sua posição de liderança.

A Resistência ao Projeto de Lei

Esta estratégia mostra como os usuários contrários ao projeto de lei que limita o casamento a relações heteroafetivas se organizaram em resposta à mobilização de Erika. Essa organização envolve diferentes tópicos, tais como: o reconhecimento da precariedade dos direitos LGBTQIA+; a crítica às definições familiares pautadas em argumentos biologicistas e heteronormativos de família; a identificação dos opositores e uso dos mesmos argumentos; convocação à participação na luta pelos direitos LGBTQIA+; e o acolhimento de dúvidas e as críticas às estratégias de defesa utilizadas.

Os usuários utilizaram do espaço para expressar o reconhecimento da precariedade dos direitos comunidade LGBTQIA+. Expressões de tristeza, medo e desamparo transmitiam a sensação de não pertencimento e inadequação: *“É muito triste ter que ficar de tempos em tempos revalidando nossos direitos.”* (RT10); *“É tão cruel com a gnt ter que ver essa discussão sendo pautada. Como assim querem discutir se podemos ou não casar?”* (RT14); *“estou com medo ❤️”* (RT16). Esse reconhecimento da precariedade combate discursos sociais que postulam não haver diferença e, portanto, necessidades específicas dessa comunidade.

Os usuários reafirmam a própria definição de família e tecem críticas às definições pautadas em argumentos biologicistas e que se prendem a uma estrutura heteronormativa de gênero e sexualidade: “(...) *Minha mãe tinha flacidez no colo do útero, não conseguia engravidar. Me adoraram com meses de idade. Essa gente só quer pretexto pra manter a chama do ódio acesa.*” (RT08); “*kkkkkkk sou gay, meu filho tem 14 anos. (...) Somos uma família como tantas outras, mas essa gente não fala sobre pautas reais...*” (RT08). Ao questionarem tais definições, os usuários estão defendendo a validade de suas próprias experiências familiares e de relacionamento. Observa-se ainda que, não são apenas pessoas da comunidade LGBTQIA+ que compartilham suas experiências, mas também indivíduos que vivenciam relacionamentos heteroafetivos. Estes últimos empregam suas vivências para fundamentar críticas, evidenciando suas estruturas familiares que se distanciam do padrão tradicional. Além disso, essa dinâmica parece mostrar uma forma de solidariedade e apoio, uma vez que os usuários utilizam de privilégios associados aos relacionamentos heterossexuais para embasar a crítica.

Essas críticas estabelecidas pelos usuários colocam como ameaçadores dos seus direitos os fundamentalistas religiosos representantes do congresso: “*Deixem evangélicos em espaço de poder e eles começam a estabelecer o seu projeto de evangelistão*” (RT02); “*Até porque o Jesus deles nasceu de Maria que foi inseminada artificialmente, por isso ela continuou sendo virgem. Ai já estão desconsiderando o fato deles serem família também pois o marido de Maria, José, não se relacionou com ela para procriar o tal messias!*” (RT02). Uma estratégia utilizada para desacreditar os argumentos dos defensores do projeto foi adotar as mesmas ideias. Os defensores do projeto se baseavam em preceitos religiosos, e seus opositores também recorriam a passagens da Bíblia. O uso dos mesmos argumentos evidencia que não existe uma verdade absoluta em relação ao conhecimento, uma vez que o que está em jogo é a interpretação.

Outra forma de resistência ao projeto de lei é a convocação para participação na luta pela preservação dos direitos LGBTQIA+. Os usuários recorrem a convocações como uma

estratégia para demandar a proteção e o suporte que lhes foram previamente prometidos, seja por parte de artistas que recebem apoio da comunidade LGBTQIA+ ou de políticos que basearam suas campanhas eleitorais na promessa de defesa das minorias. Da mesma maneira, outros usuários buscam fazer apelos e sensibilizar a própria comunidade: “@LulaOficial *faça alguma coisa presidente! Isso sim absurdo nos dias d hoje!*” (RT16); “*Gente, pelo amor de Deus, cadê o lula, os artistas, a globo, os jornais?????*”; “*Bora movimentar as redes para esse absurdo nunca ser aprovado!*” (RT02); “*Nenhum direito a menos!*” (RT13)” “*Não passarão..💗💗💗*” (RT1). Além disso, os apelos pela manutenção dos direitos são enfatizados pela repetição de frases como “nenhum direito a menos” ou “não passarão”, as quais ecoam como gritos de guerra, fortalecendo os ‘combatentes’ na luta. No entanto, cabe reconhecer que, embora esse movimento possa refletir como gritos de guerra, também pode indicar uma participação simplória de ativismo, limitando-se ao cumprimento de um protocolo que é constantemente reproduzido por todos.

Os usuários também encontram um espaço no perfil de Erika para expor dúvidas e traçar críticas à forma de defesa utilizada. Eles questionam o impacto do projeto, como acompanhar as votações e como se mobilizar contra ameaças aos seus direitos. Também fazem ponderações críticas, sugerindo que a mobilização pode não ser necessária devido à inconstitucionalidade do projeto, ou apontando alternativas mais viáveis para enfrentá-lo: “*Gente, o que quer dizer uma lei inconstitucional?*” (RT17); “*Isso quer dizer que não vamos mais poder casar?*” (RT15); “*Não há necessidade de tanta luta. O STF já decidiu que pode, se por ventura a lei for aprovada, basta acionar o STF que ele derruba essa loucura* 🧑” (RT01); “*Chamar quem discorda de fundamentalista só gera mais ódio e atrapalha o debate*” (RT08); “*acho que ta na hora de perceber que cantar vitória antes do tempo dá azar, esse negócio de ‘é inconstitucional’ é amadorismo, no Brasil a lei não é levada a sério.*” (RT16). Além disso, parecem trocar informações e apoio mútuo, buscam esclarecimentos, compartilham recursos e

fortalecem sua resistência coletiva contra políticas discriminatórias e injustas. Em contraste, há usuários críticos do ativismo, expressando desânimo em relação ao futuro e até minimizando certos avanços destacados por Erika e outros usuários.

A Recusa da União Homoafetiva e a Rejeição à Comunidade LGBTQIA+

Nesta categoria, é analisada a estratégia utilizada para negar a união homoafetiva e rejeitar a comunidade LGBTQIA+. Os usuários empregam uma diversidade de tópicos, incluindo a ridicularização dos pleitos por direitos; a definição de família em bases religiosas e biológicas; a afirmação de uma perspectiva heteronormativa da comunidade LGBTQIA+; a representação da comunidade como uma ameaça; e a exaltação a políticos que lutam contra os direitos da população LGBTQIA+.

Ao ridicularizar os pedidos de manutenção da união homoafetiva, os autores dos tweets desvirtuam o debate ao associar o amor e a igualdade a elementos como objetos, animais e personagens: *“Eu quero casar com minha geladeira... Também vou reivindicar a união civil entre homem e geladeira...”* (RT04); *“Me ajuda: amo muito minha tartaruga Florbela e quero me casar com ela. Liberem o casamento interespécie! Direitos iguais!”* (RT11); *“Quero casar com uma personagem de anime. Posso? Espera, com uma barata. Não quero me casar com um poodle. O que vale não é o amor?”* (RT07). Ao converter os apelos por igualdade em alvos de zombaria, os usuários tentam minar a sua legitimidade comparando o amor presente em relacionamentos homoafetivos ao afeto por animais, personagens ou objetos. Nessa perspectiva, não só ridicularizam as demandas, mas também diminuem a relevância das relações homoafetivas.

A religião e a biologia emergem como fontes centrais de argumentação, delineando as concepções sobre casamento e família, como observados nos tweets a seguir: *“Casamento abençoado por Deus só entre homem e mulher.”* (RT03); *“Casamento é UMA INSTITUIÇÃO RELIGIOSA dois IGUAIS JAMAIS SERÃO UM CASAL, portanto NÃO EXISTE CASAMENTO*

GAY.” (RT03); “*Se colocar esses tais casais em uma ilha deserta, após 100 anos a ilha estará deserta sempre, homem com homem não procria, isso não é preconceito, é realidade, é fato. Fim*” (RT01); “*Renega cabelo, gênero, família... A vantagem que não se reproduzem, logo estarão extintos. logo, logo,,,*” (RT01). Ao recorrer à religião e à biologia para se oporem a união homoafetiva, os usuários estão empregando uma forma de invalidação. Eles tentam desacreditar os argumentos e reivindicações da comunidade LGBTQIA+ enquanto procuram validar suas próprias visões como moralmente superiores ou cientificamente fundamentados. Essa abordagem busca minar a legitimidade das demandas por direitos iguais e, ao mesmo tempo, reforçar uma perspectiva conservadora sobre a instituição do casamento e da família.

Por outro lado, determinados usuários postularam uma conformação heterossexista da comunidade LGBTQIA+, seja pela abdicação do pleito por direitos ou pela simplificação homogeneizante da comunidade. Nesse sentido, a implicação seria que os integrantes dessa comunidade deveriam assimilar-se à norma predominante: “*Que saudade da Roberta Close! Anos 80, maravilhosa, respeitadíssima por todos, chegou onde quis (por mérito próprio), brilhou ... e tudo isso sem necessidade de lacração.*” (RT09); “*A SOCIEDADE TEVE CLODOVIL E ROBERTA CLOSE EM REDE NACIONAL E NUNCA FOI PROBLEMA POR QUE ELES SEMPRE OCUPARAM O ESPAÇO QUE ERA DELES.*” (RT01). Quando os usuários mencionam que personalidades como Roberta Close e Clodovil não representavam um problema e ocupavam um espaço próprio sugere que eles foram aceitos e celebrados dentro de um espectro limitado que não ameaçava fundamentalmente a ordem estabelecida.

Nesse mesmo sentido, nota-se a defesa de uma abordagem simplificada e binária, ignorando a variedade de identidades e orientações sexuais existentes: “*LGTVHDMI720p*” (RT09); “*Mas com essa sopa de letrinhas, fica mesmo difícil de entender quem é o que.*” (RT09); “*Porquê vocês não simplificam a sigla LGBTQIA+? Tipo -H É só uma sugestão*” (RT09). Essas críticas revelam uma centralidade da heterossexualidade, em que a discussão em

torno de questões relacionadas à comunidade LGBTQIA+ é enquadrada a partir de uma perspectiva heterossexual. A sugestão de simplificar a sigla para ‘-H’ sintetiza essa visão, categorizando tudo que não é heterossexual sob um único rótulo genérico. Isso fortalece a concepção de que a heterossexualidade é o padrão normativo, enquanto qualquer outra orientação sexual ou identidade de gênero é vista como uma exceção ou desvio desse padrão.

Além disso, uma estratégia recorrente é representar a comunidade LGBTQIA+ como uma ameaça aos ‘valores tradicionais’ e à segurança das crianças. Dessa forma, busca-se influenciar a percepção pública ao construir uma imagem negativa da comunidade LGBTQIA+: *“Deixem nossas crianças em paz !!”* (RT10); *“Tomem vergonha seus medíocres, vão fazer algo de útil pra sociedade, parem de molestar as famílias e as crianças seus hipócritas. (...)”* (RT02); *“Pais e mães ! Não Deixem suas crianças irem a rua”* (RT08). Tais argumentos buscam estigmatizar a comunidade ao associá-la a práticas consideradas moralmente condenáveis, como a de molestadores. Essa associação visa legitimar o ataque e afastar possíveis apoiadores do movimento LGBTQIA+.

Por fim, outros usuários atuam na valorização da defesa do projeto de lei por meio da exaltação a políticos que lutam contra os direitos da população LGBTQIA+ no congresso e defendem o projeto: *“Infelizmente ainda não sei o nome desse nobre deputado, mas pesquisarei e FAREI CAMPANHA DE GRAÇA pra ele nas próximas eleições. Ao menos um com culhões pra peitar a militância colorida no Congresso. (...)”* (RT01); *“Em defesa da democracia.”* (RT03); *“Parabéns ao @PastorEurico”* (RT01); *“Salve Levy Fidelix!”* (RT01); *“😏 O problema, Que: O antinatural é minoria.👉😏 como ganhar uma votação se entra a democracia, e a maioria vence!👉😏”* (RT01). Observa-se nos tweets a referência a políticos brasileiros que proferiram declarações desqualificando e atacando a comunidade LGBTQIA+, seja categorizando-a como antinatural ou promovendo a noção de que uma minoria deve ceder

perante a maioria. Os usuários reproduzem tais afirmações e encontram nelas suporte e representatividade para disseminar sentimentos de ódio.

O tom dessas declarações busca retratar a militância LGBTQIA+ como opressiva para os cis-heterossexuais, enquanto os opositores são glorificados como uma resistência a essa suposta opressão. Dessa forma, a homolesbotransfobia é instrumentalizada para sustentar uma narrativa de vitimização dos conservadores, legitimando atitudes discriminatórias e intolerantes sob o pretexto de defesa da democracia e dos valores tradicionais.

A Desqualificação Preconceituosa de Erika

Essa estratégia abarca os ataques recebidos por Erika por meio de um conjunto de tweets que parecem ter como objetivo principal desqualificar a deputada e suas falas a partir, principalmente, do preconceito transfóbico. Nesse ponto, os tópicos identificados foram: ironização de sua caracterização como diva; espetacularização do erro; ridicularização da linguagem neutra e o questionamento de sua representatividade; ataque à transexualidade.

Em relação à ironização de sua caracterização como diva, enquanto alguns usuários fazem referência a uma celebridade para enaltecer sua imagem, outros expressam críticas e sarcasmo em relação a essa associação, sugerindo dúvidas sobre sua relevância ou desempenho: *“Beyonce da shopee”* (RT12); *“Falou a tentativa de bionce tupiniquim.”* (RT08); *“O que precisamos são governantes que horrem o salário que ganham (...) e não um lix0 que só serve pra bater cabelo”* (RT07). Percebe-se que há a tentativa de desqualificar Erika enquanto pessoa, profissional e representação. No tweet *“Beyoncé da Shopee”*, a comparação constante com a Beyonce é utilizada como uma forma de desmerecimento à medida que o uso da marca *‘shopee’* indica ser alguém de qualidade inferior, não-original. O último tweet apresenta uma crítica mais ampla à atuação de Érika, sugerindo que ela é superficial e incompetente, sendo sua única habilidade a de *‘bater cabelo’*. Essas observações ilustram como a construção das imagens/representações de uma figura pública atuam dentro de uma disputa política. Se antes,

ter uma postura associada a ‘diva’ era digno de elogios, aqui, essa mesma postura é utilizada como forma para desacreditá-la e questionar a sua competência.

A atuação de Erika como representante no congresso foi desacreditada através da espetacularização do erro. Assim, um simples erro de português foi explorado para rotulá-la como ‘burra’ ou até mesmo mau-caráter: *“Ué se vc não se casar vc não irá e existir mais? Kkkkkkkk como conseguiu ser eleita?”* (RT03); *“Primeiramente, meus cumprimentos”* (RT06); *“Não sabe nem a diferença de “cumprimento” e “comprimento” kkkkkk (...)”* (RT06); *“Dados que são vozes da sua cabeça quanta ciência e sabedoria nessa fala.”* (RT10); *“E eu pago essa porra ainda. PQP”* (RT14). Erika é retratada como alguém sem conhecimentos e seus equívocos são intensificados e utilizados como um meio de questionar sua participação na esfera política. Os erros cometidos são usados como munição e justificativa para questionamentos sobre sua eficácia no trabalho e o uso do dinheiro pago a ela.

Outro tópico utilizado para desqualificar Érika foi através da ridicularização da linguagem neutra e o questionamento de sua representatividade na comunidade LGBTQIA+. A linguagem neutra utilizada por Erika é colocada como absurda ou sem sentido: *“Todes e Nescauzes são achocalatades!* (RT04)”; *“Todes não existe !!!! Já começou errado 🤪🤪🤪🤪🤪”* (RT04); *“Procurei no dicionário e não achei o significado de todes.* (RT04)”; *“Todes esse país é uma piada, tem deputado tipo você que merece ser cassado !”* (RT04); *“Tadinhe!”* (RT08). Essa forma de ridicularização busca desacreditar Érika ao vincular sua postura inclusiva a uma suposta falta de seriedade e competência. Além disso, é retratada como alguém que enfraquece a causa, sendo considerada uma vergonha para a comunidade LGBTQIA+: *“não tá garantindo nada vida, apenas enfraquecendo outras causas realmente relevantes, a troco de nada. é uma piada dentro da “comunidade”, fora então...”* (RT05); *“Os GLBT nunca tiveram espaço no governo da esquerda! Por favor! (...) Eu como get tenho vergonha de vc”* (RT11). É possível observar que vários usuários se colocam como gays

buscando legitimar o ataque ao dar a impressão de que as críticas vêm de um lugar de autoridade, uma vez que são originadas de dentro da própria comunidade.

O ataque à transexualidade de Érika é uma das formas mais explícitas de sua desqualificação pelos usuários. Isso se manifesta por meio do questionamento de sua genitália, do uso de pronomes masculinos e uma emocionalidade excessiva, e da crítica à sua aparência por não se conformar aos estereótipos femininos. A negação de sua transexualidade baseia-se principalmente na biologia do corpo, usada para afirmar o binarismo e desconsiderá-la com base em concepções anatômicas: *“Vc lava o pinto do seu marido e ele lava o seu penis, deputada?”* (RT11); *“deputada, a sra lavou o pinto hj de manhã?”* (RT10). O questionamento da genitália de Érika revela uma visão de identidade centrada na genitalidade, buscando reforçar a existência de um binarismo de gênero e excluindo outras formas de expressão e performance. Ao reduzir a identidade de Érika à sua genitália, esse tópico tenta mostrar uma suposta incongruência em sua transexualidade, como se a verdade absoluta estivesse oculta em sua anatomia, desqualificando assim sua afirmação identitária.

Baseados nesse mesmo princípio, os usuários escolhem usar pronomes masculinos e referem-se a ela como “homem”. Além da tentativa de negar sua identidade, o tom argumentativo adota uma postura provocativa ao empregar conscientemente pronomes masculinos, acompanhando as mensagens com pedidos de calma. Essa combinação parece visar provocar uma reação emocional, adicionando ironia e sarcasmo à interação: *“ chora mais... q o choro e livre agora ta ai bravinnho. chora mais”* (RT16); *“Isso aí deputado , bora trabalhar homem !!!”* (RT13); *“Deixa de ser patético, deputado.”* (RT08); *“Quieto traveco”* (RT09); *“Sério amigo?”* (RT04); *“Relaxa amigo ”* (RT08). Adicionalmente, os pedidos de calma podem representar uma tentativa de diminuir a validade do ativismo político de Erika e até mesmo a sua reação diante da possibilidade de retiradas de direito LGBTQIA+, insinuando que sua reação é exagerada ou

inadequada, atribuindo a ela uma emocionalidade excessiva. Essa estratégia visa desviar a atenção do conteúdo do ativismo, transformando a interação em uma questão emocional.

A aparência de Erika se torna alvo de ataques, em que a transfobia nega sua identidade de gênero, enquanto simultaneamente há uma imposição de padrões estéticos sobre ela. A estigmatização de sua imagem aparece associada a uma cobrança sobre sua aparência, como se a sua representatividade e competência estivessem intrinsecamente ligadas a um padrão estético feminino estereotipado: “*Nossa essa voz... Parece filme de terror...* 🤖🤖🤖🤖🤖” (RT12); “*Breve mostra do inferno*” (RT11); “*Olha quanta gente esquisita!*” (RT11). Sua aparência é descrita como uma ‘amostra de inferno’, numa associação com demônios que parece buscar desumanizá-la. O seu tom de voz é colocado como algo aterrorizante. Essas formas de opressão se entrelaçam, confrontando Erika com a negação de sua identidade enquanto a contrapõe com padrões estereotipados de beleza feminina.

Discussão

As estratégias discursivas empregadas por usuários no Twitter elucidam o impacto político de Erika Hilton na mobilização em relação à união homoafetiva. De um lado, Erika é colocada de forma ideal como protetora e inspiradora, ao mesmo passo que é atacada com preconceito transfóbico. De outro, o projeto de lei é defendido, bem como, combatido por meio de diferentes tópicos, revelando o campo de disputas discursivas em torno da união homoafetiva.

O predomínio de tweets relativos à Érika, especialmente por meio da estratégia de idealização de Erika, parece igualar seu status ao de uma celebridade, na qual seus seguidores não são apenas eleitores, mas fãs dedicados. A figura do fã transcende a cultura pop e se estende ao campo político. Amaral et al. (2015) enfatiza a interseção entre cultura pop, política e ativismo, apontando a relação entre o engajamento de fã-clubes em temas políticos e o envolvimento das ‘divas pop’ nesses temas. Embora esses estudos se concentrem no

engajamento político de fãs de cantoras e performers, a ideia pode ser aplicada aos seguidores e apoiadores de Erika.

Apesar de inserida no campo político, Hilton parece ver seus eleitores e defensores agirem como fãs, uma posição estrategicamente sustentada por ela. Em entrevista, Erika destaca que as divas pop inspiram sonhos e crescimento, e ao se colocar como uma diva pop na política, ela quer atrair uma comunidade que se sente alheia à política tradicional e frequentemente a rejeita. Sua intenção é mostrar que, apesar de séria, a política trata sobre modos de vida e não precisa perder inspirações e referências (*SUPERPOC*, 2024)

Ao manter essa posição, Erika valida o que Amaral et al. (2015) discorrem sobre a mobilização sustentada pela proximidade percebida com o ídolo. Essa conexão se estabelece pela imagem projetada pelo ídolo e se fortalece pelo compartilhamento de ideais, hábitos e experiências, criando uma sensação de intimidade. No entanto, Marwick e Boyd (2011) observa que essa intimidade é ilusória, caracterizando-se como uma interação unidirecional, sem a troca e profundidade de uma relação dialógica. Nas interações nos seus tweets, a maioria dos seus seguidores se posicionam como apoiadores de seu ativismo, ajudando a manter sua influência e relevância, ao mesmo tempo que buscam uma proximidade e intimidade com ela.

Além disso, o apoio ao ativismo e a estratégia de resistência ao projeto que proíbe a união homoafetiva surgem de uma recusa às normas estabelecidas e de um reconhecimento de modos familiares dissidentes. Segundo Borrillo (2018), em uma sociedade organizada a partir de uma matriz heteronormativa e heterossexista, o casamento e a constituição familiar são, em grande parte, instrumentalizados para a perpetuação dessas estruturas. Os usuários, ao questionarem e redefinirem as concepções de família, utilizam do discurso como uma ferramenta para legitimar e construir novas concepções de casamento e vida familiar. A visão de família deixa de ser centrada no biológico reprodutivo e na religião, assumindo um caráter de acordo voluntário e contratual entre indivíduos e um espaço de legitimação de afetos.

Em relação as estratégias de recusa da união homoafetiva e a rejeição à comunidade LGBTQIA+, Salles et al. (2024) e Dalmolin et. al (2019) discutem como esses posicionamentos possuem características de um modo de ativismo, especificamente um ativismo conservador evangélico. Tem como objetivo maior de suas ações, tornar universais os valores que lhes são próprios, buscando ‘normalizar’ comportamentos que consideram ‘desviantes’. Esses grupos atuam de forma reacionária, confrontando propostas que consideram contrárias a seus valores e à sua moral. Dessa maneira, a mobilização é vista por essa parcela dos usuários como uma defesa do tradicionalismo e das normas sociais vigentes. Eles reforçam valores morais de um cristianismo tradicional, concentrando-se em questões familiares, de gênero e direitos sexuais e reprodutivos.

Neste sentido, há uma disputa discursiva em relação à concepção de família e casamento. Enquanto na estratégia de resistência ao projeto, há um questionamento das motivações biológicas e reprodutivas na definição familiar, na estratégia de recusa a união homoafetiva, a biologia e a religião são tópicos centrais para definir a família. Segundo Chaitin et al. (2017), no Twitter, em relação a temas políticos e sociais, há uma tentativa de manter a hegemonia de um discurso como uma verdade absoluta. Para esse fim, os argumentos se baseiam na biologia e na religião, que ocupam um lugar socialmente considerado irrefutável. A violência e o “humor” foram empregados como estratégias para sustentar essa hegemonia de maneira coercitiva.

O uso de violência e de zombarias também se reflete na estratégia de desqualificação preconceituosa de Erika. Butler (2021) argumenta sobre como discursos de ódio não visam apenas ofender, mas também subordinar e marginalizar a pessoa atacada. Eles utilizam estigmas e vulnerabilidades sociais para desacreditar e deslegitimar a voz da pessoa, focando não na substância do que é dito, mas na invalidação de quem está falando. Nesse contexto, os ataques

a Erika não são meramente pessoais ou isolados, mas representam um padrão maior de opressão e silenciamento.

Segundo Vergueiro (2016), pessoas trans são constantemente colocadas em uma posição de subalternidade por práticas e racionalidades que estabelecem a cisgeneridade como norma regulatória. A sociedade cria e mantém regras rígidas que definem como os corpos devem ser, colocando as identidades cisgêneras como padrão. Qualquer desvio dessa norma é visto como uma ameaça à ordem estabelecida e a transfobia se torna uma resposta violenta a essa ameaça. Essa violência não é apenas física, mas também simbólica, buscando reforçar as normas sociais que marginalizam as identidades trans (Silva, 2019). A figura de Erika é emblemática nesse cenário. Ao ocupar um lugar de poder e prestígio na política, ela desafia diretamente as normas que regulam e marginalizam corpos trans. Sua presença em um espaço de destaque não apenas questiona as regras estabelecidas, mas também representa uma forma de resistência contra a marginalização. Os discursos de ódio tendo como instrumento a transfobia contra Erika são, portanto, uma tentativa de diminuir sua importância e visibilidade. Eles não visam apenas enfraquecer sua posição política, mas também reforçar as normas sociais que marginalizam as pessoas trans.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo caracterizar as estratégias discursivas utilizadas por usuários do Twitter (X) em resposta ao ativismo digital de Erika Hilton em relação à união homoafetiva em 2023. Há um complexo panorama de discursos e representações sobre Erika enquanto deputada trans e ativista, bem como, sobre a união homoafetiva, situando os tweets como formas de resistência e contra-resistência discursiva no embate político, refletindo uma dinâmica de poder e contestação.

Este estudo teve como limitação a análise de apenas uma temática, o projeto de lei que proíbe a união homoafetiva. O recorte temporal também impediu o acompanhamento contínuo

da trajetória do ativismo de Erika nessa temática. Não foram analisados os recursos visuais (memes, gifs e imagens) presentes nos tweets e que podem configurar formas criativas de interação e ativismo. Ademais, foi analisado apenas um espaço de ativismo digital de Erika, o Twitter. Ressalta-se que o ativismo da deputada ocorre em outros espaços, tanto no mundo online quanto no offline.

Em relação às implicações práticas, este estudo contribui ao trazer à luz essas dinâmicas discursivas, convidando à reflexão sobre as possibilidades e limites do ativismo digital. Pesquisas futuras, além de investigar a atuação da deputada em outros temas, poderiam explorar outras mídias para identificar variações nas reações e nas possibilidades de ativismo digital. Além disso, é importante investigar os diversos métodos que Erika utiliza para seu ativismo, as suas próprias mensagens, e como isso é recebido pelo público. De maneira complementar, o estudo do ativismo digital de outros políticos LGBTQIA+ pode lançar luz às comunalidades e especificidades desse fenômeno.

Referências

- Aboud, P. O., & Josephson, J. Z. D. A. (2023). Fissuras Nos Espaços Público E Político: Um Olhar Pelo Perfil De Érika Hilton No Twitter. *Asas Da Palavra*, 20(1), 225.
<https://doi.org/10.17648/asas.v20i1.2943>
- Amaral, A., Souza, R. V., & Monteiro, C. (2015). “De westeros no #vemprarua à shippagemdo beijo gay na TV brasileira”. Ativismo de fãs: Conceitos, resistências e práticas na cultura digital. *Galáxia (São Paulo)*, 29, 141–154.
<https://doi.org/10.1590/1982-25542015120250>
- Batista, J. C. (2012). *Apropriações ativistas em sites de redes sociais: Cartografia das ações coletivas no twitter*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Borrillo, D. (2018). *Direitos sexuais e direitos de família em perspectiva queer*. Editora da UFCSPA.
- Brasil. Câmara dos Deputados. Gabinete do Deputado Pastor Eurico. (2023). *Relatório sobre o Projeto de Lei n. 580/2007*. Brasília: Câmara dos Deputados. Disponível em https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2342817&filename=Parecer-CPASF-2023-10-10.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. Taylor & Frances/Routledge.
- Butler, J. (2021). *Discurso de ódio: Uma política do performativo*. Editora UNESP Digital.
- Chaitin, J., Steinberg, S., & Steinberg, S. (2017). Polarized words: Discourse on the boycott of Israel, social justice and conflict resolution. *International Journal of Conflict Management*, 28(3), 270–294. <https://doi.org/10.1108/IJCMA-05-2016-0029>
- Chery, S. (2023, 25 de março). Pop icons are ‘mothers’ now. *The Washington Post*.
<https://www.washingtonpost.com/lifestyle/2023/03/25/mother-lgbtq-ballroom-expression>

- Dalmolin, A. R., Castilho, M. M., & Feliciani, M. Z. (2019). Nós versus eles: Ódio biopolítico contra a população LGBT no Twitter de Marco Feliciano. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 13(2).
<https://doi.org/10.29397/reciis.v13i2.1724>
- Engesser, S., Ernst, N., Esser, F., & Büchel, F. (2017). Populism and social media: How politicians spread a fragmented ideology. *Information, Communication & Society*, 20(8), 1109–1126. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2016.1207697>
- Freitas, M. R. O. de F. (2023). *(Trans)Ciberativismo, Saberes e Vivências de Travestis No Twitter: Um Estudo Sobre (Re)Construção Discursiva*. Universidade Federal do Ceará.
- Hon, L. (2015). Digital Social Advocacy in the Justice for Trayvon Campaign. *Journal of Public Relations Research*, 27(4), 299–321.
<https://doi.org/10.1080/1062726X.2015.1027771>
- Margolin, D. (2022). #Hamas: A Thematic Exploration of Hamas’s English-Language Twitter. *Terrorism and Political Violence*, 34(6), 1076–1101.
<https://doi.org/10.1080/09546553.2020.1761343>
- Marwick, A., & Boyd, D. (2011). To See and Be Seen: Celebrity Practice on Twitter. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 17(2), 139–158. <https://doi.org/10.1177/1354856510394539>
- Oliva, G. (2023, 19 de setembro). Deputados lançam Frente LGBT+ em resposta a projeto que proíbe união homoafetiva. *O TEMPO*.
<https://www.otempo.com.br/politica/congresso/deputados-lancam-frente-lgbt-em-resposta-a-projeto-que-proibe-uniao-homoafetiva-1.3237226>.
- Recuber, T. (2021). Race, racism and mnemonic freedom in the digital afterlife. *Information, Communication & Society*, 24(5), 684–699.
<https://doi.org/10.1080/1369118X.2021.1874474>

- Rossetto, G. P. N., Carreiro, R., & Almada, M. P. (2013). Twitter e comunicação política: Limites e possibilidades. *Compolítica*, 3(2), 189–216.
<https://doi.org/10.21878/compolitica.2013.3.2.49>
- Salles, D., Maurício Mattos Martins, B., & Marie Santini, R. (2024). “Deus, Pátria, Família e Liberdade”: A radicalização política no ecossistema de mídia evangélica digital no Brasil. *Revista Mídia e Cotidiano*, 18(1), 25–52.
<https://doi.org/10.22409/rmc.v18i1.59933>
- Salles, S. (2023, 20 de outubro). Por que o casamento homoafetivo voltou a ser assunto no Brasil? *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/diversidade/por-que-o-casamento-homoafetivo-voltou-a-ser-assunto-no-brasil/>.
- Schmittel, A., & Sanderson, J. (2015). Talking About Trayvon in 140 Characters: Exploring NFL Players’ Tweets About the George Zimmerman Verdict. *Journal of Sport and Social Issues*, 39(4), 332–345. <https://doi.org/10.1177/0193723514557821>
- Silva, D. D. C. P. (2019). *Quando dizer é violentar: violência linguística e transfobia em comentários online*. Editora Devires.
- SUPERPOC: CPI das Divas Pop com ERIKA HILTON - EPI | DiaTV*. (2024, maio 24).
<https://www.youtube.com/watch?v=9n6H2btLwRM>
- Vergueiro, V. S. (2016). *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: Uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*.
<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>

Parte IV

Considerações Finais

O conjunto entre as duas pesquisas procurou explorar e compreender como processos psicossociais e discursivos são estudados no Twitter. A revisão da literatura analisou os estudos psicossociais qualitativos realizados na plataforma, enquanto a investigação empírica analisou as estratégias discursivas utilizadas pelos usuários em resposta ao ativismo digital de Erika Hilton sobre a união homoafetiva em 2023

A metassíntese qualitativa da literatura reforça a relevância da plataforma como um espaço comunicativo que facilita práticas políticas, discussões polarizadas, apoio emocional e construção de identidades individuais e coletivas. A ambivalência do Twitter, que permite a coexistência de diferentes verdades e perspectivas, torna-o um poderoso campo discursivo para a compreensão dos processos sociais e políticos na rede, destacando a necessidade de abordagens multifacetadas para entender plenamente essas dinâmicas.

Esse espaço, que permite diferentes discussões, pode ser uma ferramenta para o engajamento social em pautas políticas. Nesse sentido, é essencial a análise das dinâmicas discursivas, especialmente, no contexto do ativismo digital. No caso específico de Erika Hilton, os tweets refletem formas de resistência e contra-resistência em um embate político, revelando uma complexa interação de poder e contestação. A análise dos tweets evidencia como a plataforma serve de palco para debates intensos sobre questões políticas e sociais, destacando a importância de entender essas interações para captar o funcionamento das disputas discursivas em torno de temas sensíveis como a união homoafetiva.

Ambos os estudos convidam a explorar outras mídias e temas além do Twitter para obter uma compreensão mais abrangente do ativismo digital e das interações sociais. A análise das estratégias argumentativas e a natureza efêmera dos debates políticos e culturais na plataforma são áreas que merecem atenção contínua. Futuros estudos poderiam beneficiar-se de uma

abordagem ampla, considerando a atuação de ativistas em múltiplos espaços, tanto online quanto offline, para captar as nuances das dinâmicas de poder e contestação que caracterizam o ativismo digital contemporâneo.

O estudo das mídias sociais, como o Twitter, representa uma oportunidade essencial para compreender um fenômeno relevante em nossa sociedade atual. Este estudo traça uma reflexão crítica sobre as potencialidades e limitações da rede social, principalmente do ativismo digital existente na plataforma. Ao mesmo tempo que ele atrai, mobiliza, e estimula o engajamento com o tema na mídia social, ele permite uma forma de participação baseada na expectativa da atuação dos outros e na passividade do próprio usuário.